



Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em cadeia de rádio e tv, por ocasião do Dia do Trabalhador – 1º de Maio

Meus amigos e minhas amigas,
Companheiros e companheiras de todo o Brasil,

Amanhã é o 1º de Maio, um dia extremamente importante no mundo inteiro: Dia do Trabalhador. O dia em que homenageamos todos aqueles que constroem as ações que, legitimamente, buscam a justiça, reconhecimento e, sobretudo, melhores condições de vida para si e para a sua família.

O 1º de Maio é, e será sempre, um dia muito importante na minha vida. É como se fosse o próprio dia do meu aniversário. Afinal, não faz muito tempo, eu estava em cima de um palanque, ao lado de dezenas de outros companheiros, com o microfone na mão, reivindicando e criticando governantes insensíveis que, logo após a eleição, davam as costas ao trabalhador.

Compreendo, portanto, melhor do que qualquer outro Presidente, a legitimidade e a importância das reivindicações feitas neste dia. E falo nisso com a visão de quem já foi sindicalista e hoje é o Presidente da República, e que tem, por isso mesmo, a exata dimensão do problema, vista pelos dois lados.

Hoje sei que é possível, sim, construir soluções para que os trabalhadores brasileiros possam aumentar a sua renda e ter mais tranquilidade e mais segurança no seu emprego. Mas hoje sei, também, por outro lado, que isso não pode ser conseguido da noite para o dia.

Todas as soluções sérias, verdadeiras e, sobretudo, seguras, passam por etapas que têm que ser construídas passo a passo, lado a lado, pelos



trabalhadores e pelo governo. Não há nenhuma hipótese possível de se construir avanços duradouros e conquistas verdadeiras para o Brasil e para o trabalhador brasileiro sem o crescimento sólido e seguro do nosso país e sem a sua economia em ordem, com a inflação sob controle e as contas públicas equilibradas.

Como não canso de repetir, não existe mágica. Toda grande conquista exige esforço e perseverança. Quantos anos gritamos nas ruas: “Fora FMI”? Era o grito de milhões de brasileiros que, como eu, gostariam de ver o nosso país livre de uma velha e crônica dependência econômica.

Em dois anos, como Presidente, descobri que era possível, sim, sem traumas nem rupturas, realizar esse sonho de toda uma geração. Mas que isso só seria possível se antes conseguíssemos fortalecer o nosso país, conquistar a credibilidade internacional e retomar o crescimento econômico, aumentando as exportações e equilibrando as contas públicas.

O resultado desse esforço foi que em apenas dois anos conseguimos sair do FMI, de cabeça erguida e pela porta da frente, passando o Brasil a andar sem muletas e com as suas próprias pernas, fato elogiado pelo mundo inteiro.

A partir de amanhã entra em vigor, em todo o país, o novo salário mínimo, no valor de R\$ 300,00. Um valor significativo, com um ganho real acima da inflação, como há muito tempo não acontecia. E é importante, também, levarmos em conta que hoje a inflação está sob controle, o que aumenta substancialmente o poder de compra do salário mínimo.

Entretanto, tenho plena consciência de que ainda não é o aumento ideal. Deus sabe como eu gostaria de estar aqui, agora, anunciando um salário mínimo maior. Mas isso ainda não pode ser feito nesse momento, pois desequilibraria as contas da Previdência, que hoje já carregam um déficit de 37 bilhões de reais, jogando por água abaixo tudo o que já conseguimos nesses dois anos de governo.



Garanto a vocês que qualquer brasileiro responsável, sério e verdadeiramente comprometido com o trabalhador brasileiro, no meu lugar, faria exatamente o que estou fazendo.

Quero o salário mínimo crescendo sempre e todos os anos, sem retrocessos nem crises para o nosso país, como tantas que já aconteceram no passado.

Vejam, tenho apenas dois anos e quatro meses de governo, é sempre bom lembrar isso. E, nesse curto espaço de tempo, muita coisa já mudou neste país. Dois milhões e quatrocentos mil empregos formais com carteira assinada foram criados nos últimos dois anos, o que não acontecia há muito tempo.

Só para dar uma idéia do que isso significa, enquanto a média de criação de empregos nos oito anos do governo anterior foi de 8 mil empregos por mês, desde que assumi a Presidência, a média do Brasil é de 91 mil novos empregos por mês, ou seja, 11 vezes mais.

Outra importante conquista para o trabalhador e para os aposentados deste país foi a regulamentação dos empréstimos com desconto em folha de pagamento. Esse tipo de empréstimo permitiu juros mais baratos, libertando os brasileiros das mãos dos agiotas. No meu governo, o microcrédito também ganhou uma dimensão nunca vista. Para que vocês possam entender bem o que isso significa, enquanto no governo anterior eram disponibilizados, em média, 30 milhões de reais por ano, somente para este ano já disponibilizamos 600 milhões de reais, 20 vezes mais.

Enfim, meus amigos, essas e outras dezenas de ações de governo que já estão sendo implementadas nos permitem olhar para a frente com otimismo e confiança, certos de que num futuro não muito distante conseguiremos transformar este nosso Brasil num verdadeiro país de todos.

Muito obrigado e boa noite.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na missa
de celebração do Dia do Trabalhador**

São Bernardo do Campo-SP, 01 de maio de 2005

Bom dia,

Bom dia, dom Nelson, nosso querido bispo da Diocese de Santo André,

Minha companheira Marisa,

Senador Eduardo Suplicy,

Deputados Devanir Ribeiro e Vicentinho,

Prefeitos João Avamileno, José de Filippi e o ex-prefeito Oswaldo, da
cidade de Mauá,

Meu querido companheiro Frei Betto,

Meu querido ex-prefeito Tito Costa,

Meu querido companheiro Marinho, presidente da Central Única dos
Trabalhadores,

Meu querido Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

José Genoíno, presidente do PT,

Companheiros da Pastoral Operária do ABC,

Companheiros trabalhadores e trabalhadoras,

Dom Nelson, certamente o senhor conhece a história que marcou a
relação do povo trabalhador do ABC com a Igreja do ABC. Aqui nós tivemos
guarda da Igreja, não apenas para suprir as nossas necessidades espirituais,
mas para fazer com que os trabalhadores tivessem uma retaguarda para
enfrentar os momentos difíceis que a democracia brasileira, de pouca
inexistência naquele momento, criava de situação delicada para nós.



O 1º de Maio que teve uma ligação entre a Igreja do ABC e os trabalhadores do ABC foi o 1º de Maio de 1979, no Paço Municipal, com a presença de duas figuras importantes: de um lado, o nosso bispo da época, dom Cláudio Hummes, de outro lado, Vinícius de Moraes e, de outro lado, os trabalhadores e o prefeito Tito Costa, que está aqui.

Depois, o segundo grande 1º de Maio foi o de 1980, em que não pude estar presente, com outros companheiros, porque estávamos presos. Mas aqui esteve Marisa, a Diretoria do Sindicato e centenas de milhares de trabalhadores que conseguiram produzir, talvez, um dos mais bonitos espetáculos de resistência democrática da classe trabalhadora brasileira.

Foi aqui, nesta Praça da Matriz que, na época, o então general Braga, que parecia que estava querendo causar um conflito entre os trabalhadores e a Polícia, teve que recuar, por bom senso, em função dos milhares de homens e mulheres que, tomando conta desta Praça, conseguiram convencer a Polícia de que o melhor que tinha que acontecer era permitir aos trabalhadores fazerem a sua caminhada, darem uma volta no Paço Municipal. E alguns queriam apenas entrar no Estádio da Vila Euclides, colocar a mão na grama e ir para sua casa.

Quem viveu esse momento viu, possivelmente, o 1º de Maio mais importante que nós fizemos, do ponto de vista da luta, da resistência, com a participação muito forte das mulheres, até porque eu estava preso. A Marisa e as mulheres dos diretores assumiram a convocação, e aqui estavam presentes, outra vez, dom Cláudio Hummes e dom Paulo Evaristo Arns.

O senhor, dom Nelson, esteve aqui no ano passado e está aqui este ano. Eu não tenho dúvida nenhuma de que esta Igreja continuará sendo uma espécie de casa, não apenas a casa de Deus que é, mas a casa da esperança, a casa da fé para todos aqueles que acreditam na existência e na possibilidade de um mundo superior.

Eu estou aqui neste 1º de maio, dom Nelson, com a certeza de que



todos os bispos que passaram e os que passarão por aqui, imediatamente fazem uma relação com o povo trabalhador desta região e, em apenas um ano, parece que a convivência já é de 20 anos ou mais, porque os padres têm experiência, convivem com esta gente. Agora, estou vendo aqui um grupo enorme de novos seminaristas, portanto, novos padres aqui para a região. E eu penso que quero estar bem velhinho para poder participar, não do centésimo, mas pelo menos do quadragésimo 1º de Maio realizado aqui, nesta querida Matriz de São Bernardo do Campo, com a presença dos padres e do bispo da nossa região.

Estou feliz, também, porque soube da notícia de que finalmente nós resolvemos, pacificamente, o problema do estado de Roraima, da homologação da terra Raposa Serra do Sol. Todo mundo sabe que levou, só no meu governo, dois anos para que nós encontrássemos uma solução jurídica e política. Depois que nós homologamos houve, por parte dos grupos que não aceitavam a homologação, o seqüestro de quatro policiais federais. Ontem, sem nenhuma violência, sem nenhuma briga, sem nenhum problema, os quatro policiais foram liberados e, agora, nós vamos dar prosseguimento à homologação dessa que era a maior reserva indígena a ser homologada e que, finalmente, foi homologada, e eu sei o papel importante que a Igreja teve nisso.

Também estou feliz porque eu vi a manifestação dos nossos cristãos aqui, e vi a quantidade de faixas falando da inclusão social, falando do microcrédito, da economia solidária, que é uma coisa que ganha muita força no meu governo e que, certamente, irá se consolidar como uma das grandes alternativas da economia para o nosso país. Não apenas o salário mínimo, que chegou a um nível que eu considero razoável em função da nossa situação, todos nós sabemos que o mínimo sempre será mínimo, porque é o salário mínimo assim no mundo inteiro, mas nós conseguimos, este ano, dar um passo adiante.

Mas o mais importante é que nós consolidamos, também este mês, na



semana passada, em Brasília, o microcrédito neste país. Está aqui o Remígio, lá do Ministério do Trabalho, que sabe da alegria das pessoas que estavam lá, das cooperativas de crédito. Enquanto nos últimos oito anos nós tínhamos disponibilizado 30 milhões por ano, só neste ano disponibilizamos 600 milhões de reais para o microcrédito, em uma crença e uma expectativa de que consigamos fomentar junto aos trabalhadores a necessidade de se organizarem. Eu quero até antecipar aqui, ao meu amigo Tarcísio, do Sindicato dos Metalúrgicos, ao Feijóo, que eles criaram uma cooperativa de crédito para os metalúrgicos, mas que não é fácil as pessoas acreditarem na cooperativa. Num primeiro momento, as pessoas têm desconfiança, o que é normal. E amanhã, quando eu for à Volkswagen, eu vou ficar sócio da cooperativa de crédito para ver se, com isso, estímulo os trabalhadores a ficarem sócios, para se criar alternativas de financiamento das coisas que nós precisamos.

Também é um dia que estou feliz, porque acabo de fazer uma viagem ao estado do Pará, onde nós fomos inaugurar uma usina de biodiesel. O biodiesel é um programa estratégico do governo na mudança da matriz energética do nosso país, para que a gente possa ter um óleo diesel renovável, menos poluente, mais gerador de empregos e que pode ser feito da mamona, pode ser feito da palma, pode ser feito do caroço do algodão, pode ser feito da soja, pode ser feito do caroço da melancia, pode ser feito do caroço da abóbora, pode ser feito de tantas coisas que nós temos no Brasil. Nenhum país do mundo tem essa possibilidade. Nós achamos que o biodiesel é um projeto que não apenas vai fortalecer a independência do nosso país, como ele está sendo produzido para criar condições de desenvolvimento no semi-árido nordestino, para criar emprego nas regiões mais pobres do país, atendendo os nove estados do Nordeste e mais o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Esse projeto já está consolidado, agora só é necessário ter dimensão de escala para que a gente possa produzir o necessário e gerar os empregos necessários.

Uma outra coisa extremamente importante, ainda para o Nordeste, para



gerar emprego – e eu vi que aqui tem muita gente da nossa terrinha – é que nós, finalmente, depois de mais de 150 anos, porque Dom Pedro queria fazer a transposição do São Francisco em 1846, finalmente nós vamos fazer um processo de revitalização do rio São Francisco. Nós vamos levar água para beber a aproximadamente 12 milhões de famílias nordestinas, deixando de cada lado do canal, que vai ter 25 metros de largura, dois quilômetros e meio, para que a gente possa fazer uma boa política de cooperativa, de produção de coisas para ajudar a agricultura familiar.

Uma outra coisa extremamente importante, ainda, que nós pretendemos fazer para desenvolver a região do Nordeste do país é construir uma ferrovia ligando os estados do Nordeste, que começa também este ano, ligando dois portos importantes, o Pecém, no Ceará, e o porto de Suape, em Pernambuco.

Mas não é apenas à região Nordeste que nós queremos levar o desenvolvimento para que o povo nordestino possa ficar na sua terra natal, é à região Norte do Brasil. O biodiesel tem duas caras importantes: a região Norte do país e a região Nordeste, num primeiro momento. Quando tiver escala em quantidade, aí vai produzir biodiesel de soja, para atender à região Sul e Sudeste do país, que é a região mais desenvolvida do Brasil.

Mas algumas coisas estão acontecendo nesse interior do país. Eu, que tive o prazer de viajar 91 mil quilômetros em 1992 e 1993, de carro, de ônibus e de trem, posso dizer que até 2008 nós iremos cumprir o nosso compromisso de levar luz elétrica à casa dos 12 milhões de lares brasileiros que ainda não têm energia elétrica. É um trabalho imenso porque o Brasil é muito grande, mas nós vamos levar a luz. Essa é uma certeza e é uma garantia de que não haverá, a partir de 2008, nenhum brasileiro ou brasileira que não tenha um bico de luz para acender na sua casa.

Uma outra coisa extremamente importante é a questão da reforma agrária. Eu dizia sempre, e quero aproveitar o 1º de Maio, dom Nelson, para dizer, aqui, que há sempre um conflito na hora de discutir a reforma agrária, se



você mede a boa reforma agrária pela quantidade de terras que você assentou, ou se mede pela quantidade do resultado da produção das pessoas que estão na terra.

A CPT, historicamente, afirmava que mais gente deixava o campo do que entrava no campo. Nós resolvemos inverter essa política. É por isso que quando nós tomamos posse não existia, praticamente, assistência técnica para a agricultura familiar. Hoje, já atingimos 70% da agricultura familiar e queremos chegar, no final do ano, universalizando a assistência técnica para garantir que o trabalhador que já tem a sua terrinha possa dela extrair não apenas o seu sustento e o de sua família, mas que possa sobrar um pouco para vender, para ter um dinheiro para melhorar a vida de sua família.

E, ao mesmo tempo, pela primeira vez na história do nosso Brasil, o Pronaf foi nacionalizado. Quem conhece a história do campo no Brasil, sabe que o dinheiro colocado para a agricultura familiar, 90% dele, ficava na região Sul e um pouco na região Sudeste, para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, os três estados tomadores dos recursos do Pronaf. Pela primeira vez nós nacionalizamos, e saímos praticamente triplicando a quantidade de dinheiro. Ainda ontem, antes de ontem, fiz uma reunião com a CONTAG e, só para ter idéia, meu querido Marinho, estados que faziam apenas 24 mil contratos fizeram, agora, 264 mil contratos, numa demonstração de que apenas precisamos ter paciência de ver as coisas florescerem, que elas vão acontecer.

Queria terminar agradecendo ao Marinho, o nosso presidente da CUT. O Marinho tem dado demonstração de uma qualidade superior de dirigente sindical neste país. O Marinho, em nenhum momento, deixou de fazer críticas ao governo quando tem que fazer mas, em nenhum momento, o Marinho deixou de buscar as coisas para os trabalhadores que ele representa, junto com o seu Sindicato, com o Feijóo e com a sua Diretoria, de fazer as coisas que precisam ser feitas.



E foi graças à inteligência desses trabalhadores que hoje nós temos o maior programa de crédito da história do Brasil, eu não sei se, no mundo, há um programa de crédito como esse, que é o crédito consignado com desconto em folha. Antes, o trabalhador entrava na mão do agiota e não conseguia sair mais, ou pagava 9%, 10%, 12% de juros. Hoje, os trabalhadores fazem empréstimos nos bancos em que o movimento sindical fez acordo, e eles podem pegar dinheiro emprestado a 1.50%, a 1.75%, para pagarem, no máximo, 30% do seu salário de prestação, o que revolucionou o crédito ao consumidor no Brasil, porque estamos com 16 bilhões e meio de reais nesse mercado e, agora, foi estendido aos aposentados e às aposentadas. Eu acho que isso vai chegar a mais de 25 bilhões de reais neste ano, e isso foi uma obra da criatividade deste nosso companheiro, Marinho, presidente da CUT, que foi tão importante presidente do Sindicato, do nosso Sindicato dos Metalúrgicos aqui do ABC.

De forma, meus companheiros e minhas companheiras, que este é o segundo 1º de Maio de que eu participo aqui com o dom Nelson, e espero estar vivo para participar do terceiro, do quarto, e espero poder, um dia, se Deus quiser, entrar aqui pela frente da Igreja, mesmo que bem velhinho, dizendo “esse aqui é o quadragésimo 1º de Maio de que eu participo nesta Matriz”. E aí, quem sabe, nós estejamos muito melhores.

Muito obrigado, dom Nelson, muito obrigado aos padres, obrigado ao povo do ABC.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia em comemoração à produção de 15 milhões de veículos da marca Volkswagen do Brasil

São Bernardo do Campo-SP, 02 de maio de 2005

Meu caro Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,
Meu caro embaixador Friedrich Prot von Kunow, embaixador da Alemanha no Brasil,

Minha querida companheira Marisa Letícia da Silva,

Meu caro companheiro Ricardo Berzoini, ministro do Trabalho,

Meu caro Peter Hartz, vice-presidente mundial do Grupo Volkswagen,

Senhor Hans Christian, presidente da Volkswagen do Brasil,

Senador Aloizio Mercadante,

Deputados Jamil Murad, João Paulo Cunha, Edinho Montemor,

Companheiro Vicentinho,

Prefeito Willian Dib,

Prefeito José de Filippi,

Meu querido companheiro Marinho, presidente da CUT,

Feijóo, presidente do Sindicato,

Meus companheiros e companheiras trabalhadores da Volkswagen,

Empresários do setor automobilístico,

Representantes das concessionárias, das revendedoras,

Meus queridos companheiros que aqui nos abrilhantaram com o Hino Nacional,

Meus queridos companheiros,

Minhas queridas companheiras,



Aqui, na verdade, não precisaríamos sequer fazer um discurso. A apresentação da história da Volkswagen, por si só, demonstra o momento que vive o nosso país e demonstra a trajetória da evolução da indústria nacional.

Se pegarmos as informações contidas no documentário da Volkswagen, de que em 1953 nós não produzíamos nada, apenas montávamos, e que ao longo do tempo fomos produzindo 30%, 40%, 50%, 60%, que a gente primeiro consumia todos os carros aqui, depois exportávamos para vários países, e que somente este ano nós estamos produzindo 100% de um carro aqui para que esse carro seja vendido na Europa e, sobretudo, na pátria mãe do Volkswagen.

Essa é uma revolução conceitual, uma revolução de política industrial que os meus amigos sindicalistas alemães devem estar nervosos comigo, devem estar gritando porque vão dizer que nós estamos gerando empregos no Brasil e que não estamos gerando emprego na Alemanha. Mas o dado é que nós queremos contribuir com a Alemanha gerando empregos aqui, vendendo carro lá, trazendo tecnologia, fazendo parceria, principalmente para a Alemanha que é um país que tem uma relação profunda nas suas inversões econômicas e tecnológicas no nosso país.

Portanto, eu queria começar dando os parabéns à Direção da Volkswagen do Brasil, à Direção da Volkswagen da Alemanha, de tomarem essa decisão tão extraordinária para que a gente possa, definitivamente, poder ter o Brasil como um país de ponta na elaboração de projetos e na criação de novas tecnologias para a indústria automobilística brasileira.

A segunda coisa importante. Eu fiquei emocionado, muito emocionado quando eu vi o meu TL ali na porta de chegada. Um TL que eu adquiri, aqui, em 1973, um TL da frota da Volkswagen, que era o carro mais chique da Volkswagen daquela época. É verdade, meu caro Paulo Markun, que eu e dona Marisa namoramos bastante naquele carro, namoramos muito tempo porque parte da minha vida, eu diria, construímos tendo esse carrinho como o meio de transporte meu e da minha família.



A terceira coisa, que eu acho importante num ato com uma quantidade enorme de empresários do setor automobilístico.... O dia em que eu for em algum lugar do mundo e não tiver alguma coisa para reivindicar, alguma coisa estará errada, porque nós temos todo o direito de estar sempre martelando as coisas que faltam fazer, mas é importante a gente lembrar o extraordinário sucesso da indústria automobilística nesses últimos dois anos.

É importante lembrar o crescimento das exportações da indústria automobilística, é importante lembrar que até países como o México importaram 100 mil carros brasileiros, é importante lembrar que para a Argentina foram mais de 40 mil carros, é importante lembrar que para a Venezuela foram mais de 20 mil carros, ou seja, até países que não tinham o hábito de utilizar carros com resultado da produção brasileira. E isso está acontecendo porque nós estamos convencidos de que um país da importância do Brasil precisa, cada vez mais, tornar plural a sua relação comercial para que, junto com países que tenham similaridade ao Brasil, a gente possa estabelecer acordos com a União Européia, a gente possa estabelecer acordos com os Estados Unidos, mas a gente possa também estabelecer acordos criando novas frentes de exportação dos produtos brasileiros em países que, até então, tinham dificuldade de importar as coisas produzidas no nosso país.

É por isso que eu posso anunciar para vocês que, no dia de hoje, nós comemoramos, em 12 meses, 104 bilhões de dólares de exportações, com um saldo comercial de 37 bilhões e 600 milhões de reais, o que não é pouca coisa para um país que historicamente viveu sempre em dúvida se deveria exportar muito ou se deveria fortalecer o mercado interno. Ora dedicava-se tudo à exportação, ora dedicava-se tudo ao mercado interno, e nós estamos construindo uma solidez de política econômica e de política de comércio exterior, que permita a gente afirmar que não há nenhuma incompatibilidade entre o alto crescimento na nossa política de exportação e o crescimento do mercado interno brasileiro.



Para que isso possa acontecer, vocês estão acompanhando as coisas que estão acontecendo, apesar do câmbio, de que muita gente fala, mas a gente deveria fazer uma comitiva para ir se queixar do câmbio onde efetivamente está a razão da desvalorização do dólar, que não é no Brasil. Todo empresário sabe que o câmbio tem um problema com a política americana e não é um problema para que nós resolvamos do jeito que alguns imaginam. Mas, ao mesmo tempo, com o câmbio da forma que está, salvo alguns setores da indústria brasileira, o restante continua não apenas produzindo bem, mas exportando muito bem e o resultado é a nossa balança comercial.

Mais importante ainda é a geração de empregos, é importante lembrar para que a gente possa ter clareza do que tem acontecido no nosso país. Nós passamos dez anos em que a média de geração de empregos na indústria brasileira era de apenas 8 mil empregos por mês. E nesses últimos 24 meses, nós estamos criando 91 mil novos empregos a cada mês, criando 2 milhões e 400 mil empregos com carteira profissional assinada.

Isso não é mérito do presidente da República, do presidente do sindicato, do governador do estado ou do prefeito da cidade, isso é mérito de uma sociedade que pela primeira vez acredita em si própria, que pela primeira vez, coloca a auto-estima acima de qualquer pessimismo e acredita que nós temos a obrigação de fazer com que o país tenha sucesso e que dê certo, não apenas na questão da indústria.

Acabei de receber um informe do ministro Walfrido Mares Guia, há muito tempo o Brasil tinha déficit na balança do turismo, há muito tempo. E neste trimestre nós tivemos, somente no Banco Central, a entrada de 1 bilhão e 8 milhões de dólares, um superávit no trimestre de 174 milhões de dólares, coisa em que, antigamente, nós tínhamos muito déficit. E por que isso está acontecendo? Porque governo, empresários e muita gente que viaja pelo mundo está aprendendo a viajar pelo mundo vendendo as coisas boas que o



Brasil tem, divulgando as coisas que o Brasil tem e não vendendo pessimismo como, habitualmente, nós costumávamos assistir em debates internacionais, em conferências, em que a gente muitas vezes viajava para chorar o que não tinha, ao invés de divulgar o que a gente tinha.

E esse sucesso se deve a um conjunto de ações que envolvem do menor empresário brasileiro, que começou a pegar o gosto pela exportação, até pelo próprio correio, ao maior empresário brasileiro, que está aprimorando e está tendo hoje muito mais oportunidade de colocar os seus produtos em outros lugares. Os resultados são visíveis: para a África, o comércio exterior brasileiro cresceu 45%; para a América do Sul, cresceu 58%; para o mundo árabe, cresceu quase 55%, sem que houvesse diminuição na União Européia e nos Estados Unidos.

O que nós precisamos é ter mais ousadia, o que nós precisamos é ser mais arrojados, viajarmos mais esses países e fazer com que os nossos produtos possam ter mais acesso à Europa e aos Estados Unidos. Nós agora temos 15 novos irmãos que entraram na União Européia, são 15 países mais pobres do que os ricos que nós conhecemos. E nós temos condições de competir para que esses países não se transformem numa espécie de chamariz de investimento dos países europeus que, tradicionalmente, investiam no Brasil. Não depende do governo alemão, não depende do governo inglês ou do governo francês, depende da nossa ação política porque, a depender deles, eles vão fazer investimentos onde for melhor para eles e onde tiver mais lucratividade para a empresa.

Nós é que temos que conquistar essa competitividade, nós é que temos que colocar os nossos produtos com mais qualidade, com mais tecnologia, a um preço acessível e competitivo e nós temos condições de fazer isso. É por isso que eu quero dizer ao presidente da Volkswagen e a todos aqueles que tanto discutem no Brasil, que nós não temos nenhum problema de discutir toda e qualquer política que possa ajudar a dinamizar os setores da indústria



brasileira, porque durante 20 anos se disse, neste país, que não se precisava de política industrial.

Durante 20 anos se discutiu no Brasil que política industrial era uma coisa a ser definida pelo mercado, era uma coisa a ser definida pela concorrência. E nós, desde o ano passado, definimos que mais do que qualquer outro país, o Brasil precisa de política industrial. E por isso o BNDES anunciou 1 bilhão e 600 milhões de reais de investimento em setores que nós entendemos, como software, o fármaco, a indústria de bens de capital, para que a gente possa garantir que este país tenha definitivamente um ciclo de crescimento duradouro que possa perdurar 15, 20 ou 30 anos, para que a gente sonhe em sair daquela história de ser eternamente um país subdesenvolvido ou um país em vias de desenvolvimento.

Nesse pouco tempo de governo o Congresso Nacional, sob a presidência do companheiro João Paulo, teve um papel extraordinário na aprovação da legislação que precisava ser aprovada. Nesses dois anos de governo, o companheiro Aloizio Mercadante tem se destacado para que a gente consiga aprovar as coisas no Senado.

E queria dizer aos companheiros que as reformas que nós fizemos foram necessárias e outras precisam vir, inclusive, eu espero que o movimento sindical me lembre, me convoque para discutir as coisas que precisam ser feitas. Não é possível que alguém defenda a estrutura sindical brasileira como ela existe. Não é possível, porque a estrutura sindical brasileira é cópia fiel da *Carta de Lavoro*, de Mussolini, e foi a estrutura sindical brasileira que fez com que esse sindicato aqui, brigando para mudá-la, se transformasse num grande sindicato. E isso interessa aos operários e interessa aos empresários que têm uma visão de sindicalismo livre e de organização muito mais forte.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, eu estou aqui, meus queridos companheiros diretores da Volkswagen, meus queridos trabalhadores, estou aqui feliz. Feliz porque a gente pode perceber que a



indústria automobilística brasileira não deve nada a nenhuma indústria automobilística; feliz porque os trabalhadores brasileiros não devem nada a nenhum trabalhador brasileiro. E mais feliz ainda porque historicamente não era fácil um presidente da República visitar uma fábrica e poder falar com os trabalhadores. E mais feliz ainda quando a gente percebe que consolidamos um processo democrático tão extraordinário que os nossos companheiros trabalhadores podem participar do ato, até levantando as faixas que, muitas vezes, precisam ser enxergadas por todos nós.

Por isso, meus companheiros, eu espero viver muito ainda para vir aqui ao lançamento de outros produtos da Volkswagen, de outros carros brasileiros exportados para o exterior. E eu estou convencido de que o Brasil vai utilizar o século XXI para que possa se transformar na grande economia deste século. Se o século XIX foi da Europa, se o século XX foi dos Estados Unidos, não tenho dúvida, o século XXI será o século do Brasil, da América do Sul e dos países pobres do mundo.

Muito obrigado, meus parabéns e boa sorte.

Eu agora vou quebrar o protocolo, aqui. Vejam, eu sou um amante da cooperativa neste país. A primeira medida que nós tomamos no governo foi tirar todos os penduricalhos, no Banco Central, que atrapalhavam a organização de cooperativas. Nós sabemos o que representa o cooperativismo na Alemanha, nós sabemos o que representa o cooperativismo nos Estados Unidos, nós sabemos o que representa o cooperativismo em alguns países do mundo. E eu sonho que um dia a gente possa transformar o Brasil num país que tenha uma predominância de cooperativas em vários setores, tanto de trabalhadores quanto de empregadores. Eu, por exemplo, acho que os comerciantes das pequenas e médias cidades brasileiras deveriam se organizar em cooperativas, porque essa é a forma mais eficaz para a gente garantir que os juros possam baixar e que as pessoas não precisem ficar dependentes de vender o seu patrimônio para trocar uma simples duplicata.



Eu me encontrei com os companheiros da cooperativa de crédito dos metalúrgicos, que me contavam das amarguras de que o trabalhador ainda não tem consciência de cooperativa. E eu disse para eles: para demonstrar que é uma coisa importante e uma coisa sólida para os trabalhadores, no dia em que eu for na Volkswagen, eu e a Marisa vamos nos tornar sócios da Cooperativa de Crédito dos Metalúrgicos do ABC, para passar confiança a quem dela quiser fazer parte.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia em comemoração aos 5 anos do jornal Valor Econômico**

São Paulo-SP, 02 de maio de 2005

Meu caro senador Renan Calheiros, presidente do Senado,

Meus caros companheiros ministros José Dirceu, da Casa Civil; Márcio Thomaz Bastos, da Justiça; Palocci, da Fazenda; Roberto Rodrigues, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Dilma Rousseff, do Ministério de Minas e Energia; Eunício de Oliveira, das Comunicações,

Meu caro João Roberto Marinho, vice-presidente das Organizações Globo,

Meu caro senhor Luis Frias, diretor-presidente do Grupo Folha,

Senadores Aloizio Mercadante e Eduardo Suplicy,

Deputados Jamil Murad, Paes Landim e Pedro Correia,

Meu caro Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo,

Meu caro Guido Mantega, presidente do BNDES,

Senhoras e senhores representantes dos veículos de comunicação,

Funcionários e funcionárias do Valor Econômico.

Funcionárias, funcionários e diretores da Fiesp,

Meus amigos e minhas amigas,

Quando eu me levantei para falar, com um catatau de papel, o João Marinho se assustou. Daria um “especial dos 41 anos de aniversário da Globo”. Mas, como nós estamos aqui para comemorar os cinco anos do jornal Valor Econômico, eu queria dizer a todos vocês que, se puderem, quando chegarem



em casa, hoje ou amanhã, se são daqueles que costumam guardar jornais antigos, é preciso fazer uma comparação do jornal Valor de cinco anos atrás com o jornal Valor de hoje. Não apenas para que a gente possa medir a evolução, a qualidade, tanto editorial, quanto a qualidade, ou não, dos números da economia brasileira. Não pode ter referencial melhor para que a gente avalie corretamente o Brasil de 2000 com o Brasil de 2005, se a gente ler pelo menos uma semana do jornal Valor Econômico de 2000 e ler agora, de 2005.

Nós vamos perceber que as coisas estão mudando, e estão mudando de forma definitiva, para que a gente não seja mais vítima de nenhum modelo, de nenhuma política que nos deixa alegres e felizes durante a noite, muitas vezes pensando até que somos mais ricos do que somos, e acordamos, no dia seguinte, mais pobres ou pobres como éramos antes.

Sabem vocês que, nesses dois anos e quatro meses de governo, nós temos trabalhado, primeiro, para combater a depressão quando deparamos com uma notícia de jornal dando a impressão de que o Brasil acabou. E, ao mesmo tempo, trabalhamos para conter a euforia quando, no mesmo jornal, sai uma matéria extremamente favorável ao governo. Quando achamos que o governo tem que ter um procedimento – como se fosse um ponto de equilíbrio, o pêndulo – para que a gente não se deixe trabalhar pelas euforias ou pelas depressões, mas trabalhar com uma definição de objetivos muito bem consolidada na cabeça daqueles que têm a obrigação de elaborar tanto a política de desenvolvimento quanto a política econômica e social do país.

Não foram poucos os momentos em que parecia um desafio inatingível, para alguns até inalcançável, quando a gente se propôs a fazer uma política de comércio exterior mais arrojada do que a que acontecia até então no Brasil. Uma política acreditando que era necessário diversificar, tornar mais plurais os parceiros, os vendedores e os compradores das coisas que o Brasil quer comprar e das coisas que o Brasil quer vender.

Eu me lembro que foi na sede da CNI, em Brasília, no primeiro debate



entre os candidatos à Presidência da República, que eu disse que tinha vontade de criar uma secretaria de comércio exterior, especializada no comércio, para colocar nela um mascote, alguém que colocasse os produtos do Brasil embaixo do braço e fosse bater palma de porta em porta para tentar convencer, como o mascote convencia as nossas mães a comprarem as coisas 35, 40 anos atrás, para quem já tem a minha idade. E foi exatamente isso que nós fizemos. Os resultados estão aí para quem quiser ver. Nós atingimos, ontem, a cifra de 104 bilhões de dólares com o nosso comércio exterior, com um superávit de 37 bilhões e 600 milhões. São dados frescos, Palocci, o Furlan me ligou de São José do Rio Preto para me contar esses números.

E obviamente que isso é alentador, e é alentador porque demonstra que o Brasil tem um leque de opções para fazer comércio exterior sem precisar ficar dependendo apenas das duas economias já consolidadas, estabilizadas, de um lado, os Estados Unidos da América do Norte, que são um grande parceiro – nós precisamos, agora, nos dedicar um pouco mais a fazer com que seja fortalecida a nossa relação com os Estados Unidos no âmbito comercial – e, ao mesmo tempo, com a União Européia, com um agravante que nós temos que levar em conta: a União Européia adotou 15 novos filhos, 15 novos países do Leste Europeu foram adotados como filhos da forte União Européia, portanto, filhos mais empobrecidos, em que a União Européia vai ter que gastar, obrigatoriamente, parte da sua energia política e da sua energia econômica para ajudar esses países a se desenvolverem, porque senão essa conformidade de União Européia acrescida terminará sendo um grave problema político para a Europa e não uma solução.

Ora, o que está acontecendo neste momento? Primeiro, nós tiramos uma carga ideológica muito forte que estava na questão da Alca. Ou seja, ser favorável à Alca parecia ser subserviente aos Estados Unidos. Não concordar com a Alca tal como ela estava, a partir dos próprios documentos da Federação das Indústrias de São Paulo, era ser xiita, radical e anti-imperialista.



Na medida em que nós definimos uma ação de governo, e resolvemos correr o mundo e fazer com que as opções do Brasil se alargassem, e que nós pudéssemos distensionar essa discussão que estava colocada muito precipitada e com uma carga ideológica muito grande, o que aconteceu, na verdade? Primeiro, para os descrentes, a nossa relação comercial com a África cresceu 48%, e pode crescer mais; a nossa relação com o Oriente Médio cresceu 64%, e pode crescer muito mais; e a nossa relação com a América do Sul cresceu 58%, e pode crescer muito mais, basta que nós acreditemos que o mundo é maior do que as relações costumeiras que estávamos habituados a fazer e que mercados como os Estados Unidos e a União Européia, que são extremamente importantes, também têm uma certa limitação, na medida em que eles, pela sua forte economia, são as relações preferenciais de todos. Na verdade, é a noiva que todo mundo quer ter, é o noivo que todo mundo quer ter, mas que nem todos conseguem chegar perto com a força que deveriam chegar.

Por isso, nós fortalecemos a nossa relação com a China, com a África do Sul, por isso estamos fortalecendo a nossa relação com a Rússia, por isso vamos, agora, para o Japão e para a Coréia, e eu espero que muitos empresários brasileiros estejam dispostos a pegar um avião e ir para o Japão para podermos fazer negócios. Os companheiros da Única, que está aqui representada pelo Eduardo, sabem que vamos ter que chegar ao Japão falando uma única linguagem sobre o etanol; não tem a linguagem da Única e do outro grupo, não tem a linguagem do governo e da Única, nós vamos ter que chegar lá falando uma única linguagem, um único discurso, porque nós temos o objetivo de fazer com que os japoneses passem a adotar o etanol como seu combustível e, de preferência, o etanol produzido no Brasil por brasileiros.

Para podermos fazer isso, temos que ter mais seriedade do que apenas querer vender. É preciso assinar um contrato de longo prazo e garantir o



fornecimento, porque na hora em que nós estamos oferecendo combustível, temos que oferecer seriedade e compromisso muito sério.

Ao mesmo tempo, estamos produzindo uma outra coisa que os senhores, certamente, estão atentos. Há muito tempo nós não tínhamos o prazer de poder chegar em uma reunião e dizer que nós estamos tendo um superávit na conta de turismo, muito grande. No primeiro trimestre, nós tivemos 1.8 bilhão de entrada de dólares via Banco Central. Se levarmos em conta mais 30% que entra na cadeia de hotéis e no transporte, nós estaríamos com um bilhão e trezentos milhões, tendo um superávit razoável para um setor que todos sempre falaram que era novidade na geração de emprego no Brasil, que é a fonte mais geradora de emprego, que é uma fonte que pode ser dinamizada, mas é só lembrar que o turismo, no Brasil, já esteve ligado ao Ministério da Agricultura, ao Ministério do Esporte, a dezenas de.... sempre foi tratado como ministério penduricalho, sempre um apêndice de alguma coisa mais importante.

Nós, na medida em que acreditamos que o turismo pode ser uma grande fonte de desenvolvimento do nosso país, criamos um Ministério com cara, com programa, e resolvemos vender as coisas boas que o Brasil produz ao mundo, porque as coisas ruins, não falta quem divulgue. Minha mãe dizia sempre: “meu filho, notícia boa engatinha, notícia ruim corre”.

Então, nós temos a determinação de viajar o mundo vendendo as coisas do Brasil. A Fiesp participou, inclusive, discutiu. Criamos uma marca do Brasil, em que nós acreditamos que todos os produtos exportados terão a cara do Brasil. Aliás, a.. que é a cara do Volks, do Fox, que nós vimos hoje na Volkswagen, pintado quase com as cores da nossa marca, para todo mundo saber que este país tem uma marca e seus produtos irão ser vistos em qualquer lugar do Planeta, com uma única cara.

Tudo isso não poderia ser feito se não houvesse a crença e a vontade dos empresários em acreditar que aquilo que estávamos falando era



verdadeiro, não existiria essa possibilidade.

Para que nós chegássemos à situação que chegamos hoje nós temos que ver quais foram os caminhos que percorremos. O aperto de 2003 não foi uma tarefa fácil, todo mundo sabe que foi uma tarefa extremamente difícil. O meu companheiro Ivoncy lochpe é que sabe quantas vezes nós conversamos, e quantas vezes líamos, dizendo: “o Brasil acabou. Definitivamente acabou. Foi para o bebeléu”. E nós entendíamos que, não só não tinha acabado, como era preciso fazer aquele esforço para que pudéssemos consolidar, com uma certa tranqüilidade, a volta do crescimento econômico deste país.

E nós estamos conseguindo isso, porque muitos e muitos de vocês não só acreditaram, mas trabalharam. Muitos, no jornal Valor, escreveram favoravelmente a essa determinação do governo de não permitir que, ou a eleição municipal, ou a futura eleição presidencial, determinassem a ganância deste país, a política de juros neste país. Vocês estão lembrados que faltavam 15 dias para a eleição da prefeitura de São Paulo e nós aumentamos os juros, coisa que não é habitual fazer no Brasil. No Brasil, normalmente as pessoas esticam a corda até passar as eleições. Passaram as eleições, solta a corda, e fica quem quiser com o prejuízo. Por experiência, eu sei que arrebenta do lado mais fraco. Foi assim com o Plano Cruzado, com a necessidade da desvalorização cambial. Todos nós conhecemos a história. Em tempo de eleição, ninguém quer mexer com nada; perto de eleições, todos apresentam soluções fáceis.

Mas, possivelmente, estejamos vivendo um momento diferente, porque eu não tenho a minha vida marcada por uma eleição. Eu construí uma história, essa história é o único legado que eu posso deixar para este país. E eu aprendi, na minha vida, que não se pode brincar com economia. Você faz aventura em qualquer lugar do mundo, pode até subir uma montanha pendurado numa corda mas, na economia, você tem que agir com seriedade, principalmente num país que tem a vulnerabilidade que nós ainda temos.



E eu chamava a atenção, outro dia, tanto do governo e, também, na entrevista coletiva, que é importante medir – aliás, o jornal Valor tem dado isso muito bem – a quantidade de recursos que não estavam previstos estar no mercado e que estão no mercado; a quantidade de esforço, por conta do dinheiro, por conta do Bolsa Família; a quantidade de dinheiro por conta do Estatuto do Idoso; a quantidade de dinheiro, por conta do crédito consignado; a quantidade de dinheiro, agora, por conta da extensão aos aposentados; a quantidade de dinheiro porque os trabalhadores estão tendo acesso a juros bem mais baratos do que tinham antes. E tudo isso ainda não é suficiente se nós não tivermos a competência de, nos próximos anos, fazer com que o déficit da Previdência Social diminua e que a gente possa ter as contas da Previdência mais ou menos equilibradas.

Por isso, nós vamos jogar pesado e está anunciado que nós vamos conter esse déficit e fazer com que a nossa Previdência passe, definitivamente, se não a ser superavitária, a não ser um bolsão de prejuízo ao Orçamento da União, como tem sido, nos últimos anos. Ao mesmo tempo, anotamos na LDO que mandamos ao Congresso Nacional, que não apenas nós vamos limitar o dinheiro via Receita Federal, em 16%, como vamos limitar os gastos em 17%.

Tudo isso porque nós achamos que o Brasil não pode jogar fora essa chance. O Brasil não pode jogar fora e perder uma chance excepcional de se consolidar, de sair desse patamar de país emergente, de sair desse patamar de país em vias de desenvolvimento. Nós precisamos nos transformar num país em desenvolvimento de forma definitiva e, para isso, nós estamos trabalhando fortemente nessa participação e nessa luta com os nossos adversários econômicos, sobretudo no mundo comercial que, quem sabe, quem já brigou – o Rubens Barbosa está aqui, o nosso querido sempre, embaixador – sabe que essa disputa é difícil, sabe como os americanos são duros na queda, sabe como eles são duros.



E o que eu dizia para o Rubens, desde a primeira vez que me encontrei com ele? Nós não queremos afrontar os americanos não, não sou louco! O que nós queremos é tratá-los como eles nos tratam, é dizer a eles que nós queremos os mesmos direitos que eles querem. E, na lógica comercial, é a única chance de nós levarmos, pelo menos, o jogo para o empate e não perder de goleada, como sempre perdemos.

Eu sei que tem muitos empresários, Paulo – e é importante, nós vamos discutir isso no governo – preocupados porque em alguns setores está entrando muito, muito, principalmente para o setor têxtil, a indústria chinesa, os produtos chineses, você está lembrado disso.

Agora, é importante que num processo de educação da sociedade brasileira, a gente se lembre de que a entrada dos produtos chineses no Brasil não tem nada a ver com a recente aliança Brasil e China, tem a ver com a Rodada Uruguai de 1994, que estabeleceu para 2005 o fim da cota, e vale para o mundo inteiro. Então, é uma coisa que foi feita 11 anos atrás, e que se nós não nos preparamos nesses 11 anos, vamos ter que nos preparar agora.

Porque se a gente bem conhece o potencial de produção dos chineses, eles vêm fortes. E nós, ao invés de ficarmos chorando, temos que nos preparar. É preciso que a gente pare de se achar coitadinho. Nós temos problema no setor de calçados? Vamos discutir com o setor de calçados, vamos procurar novos mercados. Porque, de repente, eu vejo pessoas querendo que o Palocci determine quanto vai ser o dólar, os mesmos que, algum tempo atrás, pediam para que o dólar fosse flutuante, que o câmbio fosse flutuante.

Ora, nós vamos fazer reuniões, Paulo Skaf, com todos os setores, com todos que estão se sentindo mais ou menos prejudicados, que estão deixando de vender. Vamos ajudá-los a procurar novos mercados, vamos melhorar a nossa qualidade, vamos ver se nós conseguimos reduzir custos para dar a eles maior densidade de produção, mais preço, mais custo, para que a gente tenha



vantagens comparativas. O que a gente não pode é ficar parado assistindo as coisas acontecerem, porque isso nós já vimos.

Todo mundo aqui se lembra da euforia que o nosso querido companheiro Dílson Funaro, vice-presidente desta Casa e ministro da Fazenda, por ocasião do Plano Cruzado, todo mundo viu a euforia, quando a gente disse que “nós vamos fazer moratória com o FMI”. E, depois, nós vimos o desastre que aconteceu neste país. Eu, que passei parte da minha vida gritando “fora FMI”, não sei se aqui alguém gritou; eu gritei muito. De repente, eu sou Presidente da República e nós saímos do FMI pela porta da frente, sem um único grito, apenas dizendo: olha, construímos a base necessária para que a gente possa sair, não precisamos mais. Se um dia precisarmos, voltaremos de cabeça erguida, porque somos cotistas do FMI. Não precisei fazer nenhum discurso ideológico. Pelo contrário, até pedi voto para o atual presidente do FMI, veja que evolução. Essas coisas, meus companheiros, acontecem com a participação do Senado da República, da Câmara dos Deputados, porque as leis que nós passamos no Congresso não foram fáceis, outros tentaram passar; a reforma tributária, que ainda falta uma parte, a parte que depende dos governadores; a reforma da Previdência, que vai começar a dar resultados num médio prazo: a reforma do Poder Judiciário, a Lei de Falências, a Lei de Biossegurança, não foram poucas as coisas que nós fizemos, e as PPPs, e passaram.

Tem muita gente que, às vezes, vende a idéia que o Congresso é inimigo do Executivo, que o Executivo é inimigo do Congresso. Veja, nós vivemos uma relação das mais democráticas possíveis, civilizada. A eleição do companheiro Severino é a eleição do resultado de um debate interno da Câmara. O Severino, como qualquer outro brasileiro, como o Renan, como qualquer outro, vai ter a maior responsabilidade em fazer com que as coisas aconteçam da melhor forma possível para o Brasil e nós temos as dificuldades normais.



Benjamim, eu vou te contar uma coisa: eu passei 20 anos da minha vida ouvindo falar da Trans-nordestina, e agora nós vamos começar a fazer a Trans-nordestina, obviamente se nós tivermos todo o dinheiro que precisa e, certamente, vamos ter. Nós vamos este ano, se Deus quiser, começar a revitalização do rio São Francisco, pode ser que tenha gente que não goste. Eu, se morasse, se tivesse nascido em São Bernardo, onde eu moro, e morasse onde eu moro, com a quantidade de água que tem onde eu moro, até demais, eu, talvez, fosse contra. Mas o Cipriano sabe, que agora está apostando no Gabriel, nas cisternas, aliás, eu ouvir dizer que foi um ato maravilhoso, que até teve muita gente da Febraban que chorou, na semana passada, no ato das cisternas. Veja, eles estão contribuindo com pessoas que não têm contas em banco, aliás, nunca entraram num banco – já construíram 10 mil ou 20 mil, vão construir mais 10 mil ou 20 mil – pessoas que carregam um pote d'água na cabeça de 20 litros durante seis léguas, 18 quilômetros, não é brincadeira. Então, nós vamos levar água para lá. Alguns não querem, porque acham que são donos do rio São Francisco, mas nós vamos levar, porque é preciso levar para desenvolver 18 milhões.

E queria dizer para vocês do grande programa que vocês têm que estar atentos, que é o programa do Biodiesel. Na minha cabeça é o grande programa estratégico deste país, é a mudança ou não mudança, um reforço da matriz energética brasileira por um combustível renovável, gerador de empregos que, na minha opinião, terá para o Brasil o mesmo efeito que teve o Pró-Álcool. Só espero que não inventem de produzir biodiesel de cana-de-açúcar, mantenham-se no álcool que vocês vão estar bem.

E o mundo, depois da aprovação do Protocolo de Kioto vai, inexoravelmente, precisar utilizar o biodiesel e utilizar o etanol. Os mais céticos contra a nossa capacidade de produzir ficam dizendo: “não, mas nos Estados Unidos vai criar um motor tocado a hidrogênio”, porque sempre inventam as coisas melhores para eles, para diminuir as coisas que a gente faz. A verdade



é que o biodiesel é menos poluente, o biodiesel é mais gerador de empregos e o biodiesel pode fazer a combinação de desenvolver a parte mais pobre do nosso país.

E mais ainda, meu querido Roberto Rodrigues, o biodiesel pode ser para a soja aquilo que o álcool é para o açúcar, ou seja, na medida em que não se ofereça um preço razoável pela soja, vamos moê-la e vamos fazer biodiesel e aí, quem sabe, a gente consiga ter um certo equilíbrio do preço da soja para que, também, não fiquem os produtores comendo “o pão que o diabo amassou”, por conta das intempéries.

Eu tenho certeza de que tudo que eu estou falando aqui vocês já leram no jornal Valor. Não com as palavras que eu estou dizendo, mas com outras, coordenadas pelo Celso Pinto, mais sofisticadas. Mas, de qualquer forma, como dizia Paulo Freire: “a gente tem que caprichar é na escrita. Todo mundo tem que entender, o português tem que ser correto. Na palavra, o que vale é a comunicação”. E, portanto, eu tenho certeza que nós nos entendemos, e o Brasil precisa disso.

Muito obrigado e parabéns ao jornal Valor pelos seus cinco anos.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos, por ocasião da visita de Estado do Presidente de Angola, José Eduardo dos Santos

Palácio do Planalto, 03 de maio de 2005

Acolhemos, em Brasília, o presidente e amigo José Eduardo dos Santos com o mesmo carinho com que fui recebido em Luanda no final de 2003.

Lembro que sua primeira visita ao Brasil, há dez anos, despertou entusiasmo e expectativas.

Nossos países passaram desde então por grandes transformações.

Permaneceu, porém, a determinação de trabalharmos juntos para fortalecer a parceria de dois povos decididos a lutar por um mundo mais justo e solidário.

Há poucas semanas, celebrou-se o terceiro aniversário do histórico acordo que pôs fim ao conflito fratricida que deixou um devastador rastro de ruína e sofrimento.

Saudamos a perseverança e visão de futuro com que Vossa Excelência soube liderar Angola na conquista da paz.

Admiramos este povo que não sucumbiu à desesperança de tantos anos de guerra. Apesar dos muitos campos ainda minados, os agricultores angolanos voltaram a semear essa terra que voltará a ser um celeiro na África.

Apesar da destruição da infra-estrutura física, estão sendo implantados projetos ambiciosos que transformarão a riqueza do país em bem-estar para seu povo.

Hoje, Angola começa a colher os frutos de um processo de reconciliação inspirado no saudoso Agostinho Neto.

Dizia ele que: “Não basta que seja pura e justa a nossa causa. É



necessário que a pureza e a justiça existam dentro de nós”.

Tenho confiança de que as eleições de 2006 reafirmarão o desejo dos angolanos de reconstruir seu país por meio do diálogo democrático.

Senhor Presidente,

Estive em Angola, em 2003, para expressar pessoalmente a determinação do Brasil de colaborar nessa empreitada.

Quis renovar uma aliança que remonta à histórica decisão brasileira de ser o primeiro país a hastear sua bandeira na Luanda independente.

Esse gesto de confiança resistiu aos longos anos de incerteza e guerra civil. Foi inspirado por diplomatas brasileiros como Azeredo da Silveira, Ovídio de Melo e Ítalo Zappa.

Lutamos com as armas do diálogo e da diplomacia, em todas as esferas, para que Angola lograsse, de forma soberana, a paz.

A visita de Vossa Excelência ao Brasil nos permite avançar. A Comissão Mista Brasil-Angola, que se reuniu na semana passada, apontou o caminho a seguir.

Exploramos novas possibilidades de cooperação em matéria de ciência e tecnologia, educação, administração pública, formação profissional, agricultura, meio ambiente e pesca.

Alguns resultados já estão à vista, nos acordos que acabamos de assinar nas áreas jurídica e de geologia e mineração.

Queremos que essa parceria se assente em sólidas relações econômicas e comerciais.

Angola vem criando condições para retomar o crescimento consistente e durável, o que abrirá oportunidades de negócios.

A adoção em Angola de uma nova lei de investimentos representa estímulo adicional para empresários atraídos por uma economia que cresce a mais de 10% ao ano com inflação em queda.

O Brasil sempre confiou na economia angolana. Fomos o primeiro país a



equacionar a dívida bilateral de Angola. Continuamos confiantes.

Por isso, o Brasil está aumentando significativamente suas linhas de crédito para exportações de bens e serviços brasileiros para Angola.

Angola passará a dispor, a partir deste ano, de recursos à altura de suas enormes demandas da reconstrução nacional.

Reforçamos, assim, um mecanismo financeiro que tem sido o grande motor da expansão dos investimentos brasileiros em Angola.

A hidrelétrica de Capanda, símbolo maior da presença econômica brasileira em Angola, não teria sido possível sem a linha de crédito.

Com os novos recursos, Angola poderá dobrar a capacidade dessa usina, gerando energia e trabalho.

O grande número de participantes do seminário realizado, semana passada, no Rio de Janeiro, mostra que o empresário brasileiro também aposta em Angola.

Quero convidar a comunidade internacional a fazer uma aposta. A nação angolana não será construída apenas explorando suas riquezas naturais.

Exige também investimentos vultosos, especialmente em educação e saúde, para superar os desafios sociais que entravam o desenvolvimento nacional.

Angola espera da comunidade de doadores mais do que palavras de cobrança e de condicionalidades.

Quer uma parceria solidária que ajude a capacitar o povo angolano para o seu futuro.

Senhoras e senhores,

Acabo de retornar de minha quarta viagem à África.

Nos 14 países que visitei, observei os mesmos sinais da “renascença africana” tão presentes em Angola. Uma renovação que vai além dos índices de recuperação econômica, mas que fala do amadurecimento das instituições e do fortalecimento da cidadania, no nível nacional e regional.



O continente africano pode contar com o Brasil nesse esforço que une os dois lados do Atlântico. Compartilhamos com Angola um sentimento único de irmandade étnica e de afinidade cultural. Mas também somos unidos à África por uma solidariedade ainda mais fundamental.

Só superaremos definitivamente nossa herança colonial de injustiça e iniquidade se juntarmos esforços na construção de um futuro de cooperação e justiça.

Em 2003, o Brasil contribuiu para a pacificação da República Democrática do Congo, passo fundamental para os destinos da vizinha Angola e de toda a África sub-saariana.

No Conselho de Segurança e na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, colaboramos com Angola na estabilização de Guiné Bissau e do Timor Leste.

Juntamos forças contra as iniquidades provocadas por políticas protecionistas dos países desenvolvidos.

Acabamos de vencer mais uma importante questão na Organização Mundial do Comércio contra os subsídios impostos pela União Europeia ao açúcar e pelos Estados Unidos ao algodão.

Cada vitória nossa nos foros multilaterais é a vitória da competência e da determinação dos pequenos produtores agrícolas que sustentam a economia de muitos países mais pobres.

Esperamos sempre contar com Angola e com toda a África nessa luta para legar às futuras gerações um sistema comercial fundado na competitividade – e não na fome e miséria - de nossos filhos.

Os entendimentos em curso entre o Mercosul e os países em desenvolvimento da CPLP são importante passo nessa direção. Por meio do comércio, vamos estabelecer mais um elo de solidariedade entre nossos continentes.

Senhoras e senhores,



Brasil e Angola estão destinados a uma longa e produtiva aliança.

Espero poder traduzir, em nossa língua comum, todo o afeto e apreço que desperta sua presença entre nós.

Com esse espírito de confraternização, quero saudar sua visita ao Brasil, que muito favorecerá a intensificação dos laços de amizade entre o povo de Angola e o povo do Brasil.

Seja bem-vindo ao território brasileiro. Meus parabéns.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento nacional da Loteria Timemania**

Palácio do Planalto, 04 de maio de 2005

Meu caro companheiro Agnelo Queiroz, ministro do Esporte,
Meu caro companheiro Romero Jucá, ministro da Previdência Social,
Meu caro Aldo Rebelo, ministro-chefe da Secretaria de Coordenação
Política e Assuntos Institucionais,

Meus companheiros senadores, Maguito Vilella, que diz que foi jogador
de bola e que ainda é,

Meu caro Papaleo Paes,

Meu caro Valmir Amaral,

Meu caro Luís Otávio,

Senadores da República,

Deputados e deputadas Alice Portugal, Mariângela Duarte, André
Figueiredo, Beto Albuquerque, que também diz que foi jogador de bola, Daniel
Almeida,

Deputado Delei,

Deputado Edinho Montemor,

Deputado Eduardo Seabra,

Deputado Gilmar Machado,

Deputado Guilherme Menezes,

Ildeu Araújo,

Deputado Ivo José,

Jamil Murad,

João Caldas,

João Grandão,

Júlio Lopes,



Luís Antônio Medeiros, que também diz que foi jogador de futebol,
Marcelo Guimarães,
Marcos Vicente,
Pedro Canhedo, que também diz que foi jogador de futebol, e
Vadinho Baião,
Meu caro Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol,
Meu caro Fábio Koff, presidente do Clube dos Treze,
Senhor Peter Robinson Silva, presidente do Futebol Brasil Associados,
Meus caros atletas, que me causaram alegria e tristeza, uns marcando gols para o Corinthians, e outros marcando gols contra o Corinthians,
Meu caro Ricardo Rocha, grande pernambucano,
Meu caro Deda,
Meu caro Gonçalves,
Meu caro Iranildo,
Jairo Brasiliense,
Meu caro Marcelinho Carioca,
Meu caro Oséias,
Paulo Sérgio,
O Vampeta eu não vi por aí, estão dizendo que o Vampeta está aí,
Vampeta,
E meu caro Tião,
Meus amigos e minhas amigas,

Poucas coisas têm tanta importância para o nosso povo como o futebol. E todo mundo sabe que há muito tempo vários clubes profissionais do nosso país vivem uma profunda crise administrativa e financeira, com dívidas difíceis, eu diria, até impagáveis.



Eu não citei, mas está aqui meu companheiro Carlos Wilson, torcedor fervoroso do Náutico de Pernambuco, e está aqui o nosso querido Bebeto de Freitas, nosso querido presidente do Botafogo, que tanto bateu no meu Corinthians no domingo.

Nós estamos aqui hoje para ajudar a resolver esse problema. Se não fosse pela importância da nossa paixão nacional, seria também porque o futebol é um setor de grande potencial empregador e de geração de recursos para o nosso povo e para o nosso país.

O futebol não sobrevive nem se desenvolve, em nenhum lugar do mundo, sem clubes fortes, saudáveis financeiramente e administrados com profissionalismo.

Como já destacou o companheiro Agnelo, nosso ministro do Esporte, a Medida Provisória que cria a Timemania tem por objetivo principal possibilitar que os mais importantes clubes brasileiros das séries A, B e C possam sanear suas dívidas e modernizar suas gestões administrativas.

Os clubes que aderirem à Timemania cederão o direito do uso da imagem de seus distintivos para a instituição que mais entende de loteria no Brasil, que é a nossa querida Caixa Econômica Federal.

Como vocês sabem, a premiação independe do desempenho dos clubes em campo e será definida por sorteio, como acontece, por exemplo, na Sena.

Dos recursos arrecadados, 25% irão diretamente para o pagamento das dívidas, até que, após a sua quitação, os clubes receberão integralmente esses valores para investirem em seu desenvolvimento.

Meus amigos e minhas amigas,

Temos nos empenhado em resolver os problemas do futebol profissional mas, sobretudo, o nosso governo tem trabalhado, e trabalhado muito, pelo esporte como um todo em nosso país.

A aprovação da chamada Lei da Moralização e do Estatuto em Defesa do Torcedor, em 2003, por exemplo, mostrou que era possível mudar, de forma



séria, a realidade do futebol no Brasil.

E é isso que temos feito com a participação excepcional do nosso querido companheiro ministro do Esporte, Agnelo Queiroz.

A realização da 1º Conferência Nacional dos Esportes é outro exemplo que marcou a abertura de um novo ciclo no relacionamento entre governo e sociedade desportiva.

Teve início, assim, uma nova política para o setor com a implementação do Sistema Nacional de Esporte, que articula a ação do governo com as entidades desportivas, os atletas e toda a sociedade.

Projetos como o programa Segundo Tempo, além de políticas que visam o alto rendimento de atletas, são partes significativas dessa nova política. O projeto Segundo Tempo funciona como uma alternativa para a criançada que, às vezes, nem mesmo conta com uma família bem estruturada. Ele ajuda a educar a meninada carente por meio de atividades esportivas realizadas fora do turno em que estão na escola.

Outro programa que está trazendo bons resultados é o Esporte e Lazer da Cidade, em conjunto com as prefeituras. Atendendo hoje mais de 200 mil pessoas, o Programa incentiva não só o esporte como a adoção de hábitos saudáveis.

Em ação conjunta com o Ministério da Justiça, o programa Pintando a Liberdade também foi bastante ampliado, incentivando a fabricação de material esportivo em presídios para distribuição na rede pública de ensino. Hoje, já foi ultrapassada a marca de um milhão de bolas de futebol produzidas por mais de 13 mil detentos.

O Ministério do Esporte tem ainda articulado acordos de cooperação internacional. Os programas Segundo Tempo e Pintando a Liberdade, por exemplo, estão sendo exportados para Moçambique, Angola e Haiti, como parte do apoio às políticas de promoção do desenvolvimento em outros países. Em Moçambique, algumas fábricas de bola de futebol vão empregar mais de



400 pessoas. Acordos de cooperação no esporte de alto rendimento estão sendo realizados com Canadá, China, Rússia e Cuba, países de grande destaque em competições internacionais.

Meus amigos e minhas amigas,

Com a criação hoje da Timemania, estamos fortalecendo o esporte, de modo geral, no nosso país. Estamos fazendo com que os clubes brasileiros de futebol, sem dúvida, a mais significativa referência esportiva do país, possam enfrentar seus problemas e continuar avançando na sua histórica trajetória de sucesso. É isso o que todos nós queremos.

Meus amigos, minhas amigas, dirigentes dos times de futebol brasileiro, atletas, deputados, senadores, eu penso que todos nós temos clareza de que não iremos resolver o problema do futebol brasileiro apenas com mais uma lei ou duas leis. As leis servem para serem cumpridas, adaptadas às realidades que terá o Congresso Nacional ao fazê-las mas, ao mesmo tempo, é preciso uma mudança de comportamento, é preciso uma mudança cultural, é preciso quase uma mudança de procedimento de todos nós com relação ao que o futebol significa para nós.

Nenhum, nenhum país do mundo tem, no futebol, a paixão, a dedicação e a participação que tem o nosso país. Eu visitei, nesses dois anos, presidente Ricardo Teixeira, 14 países africanos. A paixão do povo africano pelo futebol brasileiro é uma coisa que não conseguimos dimensionar com muita facilidade. Eles conhecem quase todos os jogadores mais famosos do Brasil, conhecem todos que participaram nas mais diferentes seleções brasileiras, e acompanham, ainda, aqueles que estão jogando futebol nos mais diferentes países do mundo.

E nós sabemos o potencial que o futebol brasileiro tem, não apenas no despertar da paixão do povo brasileiro, mas a paixão que o futebol brasileiro tem como instrumento de produção de riqueza para este país, se nós soubermos trabalhar a imagem do nosso futebol e dos nossos atletas em um



mercado multimilionário que, possivelmente, nós ainda não aprendemos a participar dele com a grandeza que nós merecemos.

Esta Medida Provisória e este Projeto de Lei que estamos mandando para o Congresso Nacional, é importante salientar, serão um novo começo de uma nova “Era Pelé” porque, certamente aqui, neste mesmo Plenário ou em outro, vocês tiveram, ou pelo menos uma grande maioria participou do lançamento da Lei Pelé, depois participou do lançamento da Lei Zico e, quem sabe antes de nós, participou de outras leis. As leis só podem dar certo se forem levadas a sério pelas pessoas que serão beneficiadas por essa lei e pelas pessoas que querem fazer com que o futebol brasileiro se transforme, realmente, numa fonte de enriquecimento e numa fonte de geração de oportunidades para milhões de brasileiros.

Entretanto, para que isso aconteça, eu penso que nós temos que compreender algumas coisas. Eu dizia para o presidente Ricardo Teixeira, agora, que é preciso que os homens do futebol brasileiro tomem todo o cuidado para não permitir que aconteça nunca o que aconteceu já, este ano, três vezes: Palmeiras, Corinthians, Santos, times que têm torcida e são obrigados a jogar em campo de futebol sem nenhum torcedor. Eu fico imaginando se eu tivesse que fazer um comício sem ninguém me ouvindo, seria um desastre. Ou seja, o atleta de futebol é um artista, esse artista reage a emoções, ele reage à emoção quando é provocado com uma vaia, para fazer mais do que estava fazendo, alguns ficam nervosos e são expulsos de vez em quando. Mas eles reagem com muita fineza quando são aplaudidos e vêem o seu nome sendo gritado pelos seus torcedores, eles ficam mais hábeis, eles jogam melhor, eles marcam mais gols, essa é a reação natural de um ser humano em qualquer atividade de que participe. Imaginem a nossa Daiane participando das Olimpíadas, fazendo aqueles saltos que ela dá, se não tivesse ninguém assistindo, apenas uma câmara de televisão. Possivelmente, ela não conseguisse produzir 50% ou 60% do que ela produz.



Eu penso que nós precisamos ter em conta – e aí eu já falo como brasileiro e como um torcedor e não como Presidente da República – nós precisamos ter em conta que já há algum tempo os nossos clubes deixaram de despertar paixões e emoções na nossa torcida. Eu sou de um tempo em que eu pegava três ônibus para ir ao Parque São Jorge ver o Corinthians, não me importava se era de trem, se era de ônibus, se estava lotado. Naquele tempo não tinha briga, naquele tempo a gente ia junto, todos os torcedores e todos os times, nós éramos amigos antes de tudo, brincávamos uns com os outros dentro do campo, e eu não tinha notícia de briga. Alguns morriam de infarto, eu agüentei o Pelé 15 anos na minha vida, se eu não morri de infarto com o Pelé batendo no Corinthians, nunca mais eu morro de infarto neste país.

Mas, de qualquer forma, nós precisamos transformar o esporte numa fonte de lazer do nosso povo. O esporte não é uma partida de futebol, ele tem que ser transformado num espetáculo, num espetáculo em que o marido tenha condições de convencer a sua mulher de que é uma atividade cultural sair do seu sofá, ir para um estádio, assistir um jogo de futebol, seja num domingo ou num dia de semana. Para isso, nós precisamos mudar o comportamento dos nossos dirigentes, o comportamento das nossas torcidas, o comportamento dos nossos atletas. Muitas vezes os atletas, na disputa dentro do campo, tentam ser o mais malandro possível para ganhar uma partida, mas eles não percebem quantos exemplos eles podem estar dando, de forma negativa, a milhões de pessoas que estão assistindo a televisão. Uma briga desnecessária, tudo isso vai criando mecanismos impeditivos do povo se dedicar a ir a um estádio de futebol, como a gente vê na Europa. Por exemplo, eu sinto inveja quando eu vejo o Barcelona jogar, porque certamente o meu time tem mais torcida que o Barcelona, certamente muitos times no Brasil têm mais torcida que o Barcelona, mas lá a gente percebe que existe uma cumplicidade, uma cumplicidade boa, saudável, entre governo, entre clubes, entre torcidas, entre empresários e o futebol funciona. Eu fico imaginando times



de futebol que poderiam ter 300 mil associados, pagantes, ou poderiam fazer as pessoas pagarem de acordo com a renda: o torcedor que ganha um salário mínimo paga um pouco menos; o torcedor que ganha dez, paga um pouco mais; mas eles, dentro do estádio, seriam tratados em igualdade de condições. Não haveria discriminação. A discriminação está em quem pode comprar uma cadeira melhor, ou uma cadeira em um lugar melhor.

Mas nós temos que repensar o que queremos do futebol para o nosso país. Eu discutia com o Agnelo, Ricardo, a impossibilidade de um time de futebol sobreviver, hoje, no Brasil. Um time pega um jogador, o prepara, o forma, e quando ele marca um gol, ele já está contratado para jogar no exterior. Um gol! O time que o formou... e aí nós começamos a entrar em conflito, primeiro, porque o jogador é um artista, e um artista quer jogar onde o espetáculo lhe pague mais. É normal, compreensível, e é defensável por todos nós. Se eu tenho um jogador bom e não quero pagar bem a ele, é normal que ele fale: “olha, meu filho, eu adoro, eu amo vocês, gosto de vocês, adoro a torcida, mas daqui a dez anos estarei aposentado, não jogarei mais bola, e preciso sobreviver, preciso construir a minha vida, porque a profissão também é muito curta”.

Também, nós não criamos dentro dos clubes a cultura de que, ao pegar um jovem lá dentro, nós temos que formá-lo atleta, mas também formá-lo em cidadão. Nós temos que dar a ele escola, não apenas o ensino fundamental, mas o ensino técnico, incentivá-lo a ir para a universidade, prepará-lo como homem para enfrentar as adversidades depois que deixar de jogar bola.

A história demonstra que nem todos estão preparados para sobreviver depois que param de jogar bola. Nem todos têm estrutura. Tem alguns que constroem a sua vida em dez anos de futebol e outros, três anos depois de pararem, não têm mais nada, não têm aposentadoria e não têm um sistema garantidor de seguridade social que lhes permita falar: “eu vou ficar no meu time mesmo, ganhando um pouquinho menos porque aqui eu estou tranquilo,



no meu país”. Isso nós precisamos construir conjuntamente. Aperfeiçoar o que existe e fazer o que não existe, para que possamos garantir que os atletas fiquem no Brasil.

Eu fico imaginando um grêmio de futebol. Produzir uma peça excepcional como o Ronaldinho que, quando começou a dar os dividendos, foi embora. Ninguém pode ser contra o Ronaldinho ir embora. Mas qual é a compensação que um clube que quer o Ronaldinho tem que pagar ao time que formou o Ronaldinho? E a compensação? Essas coisas têm que ser pensadas porque nós somos um país pobre e, nos países pobres, nós nunca poderemos pagar o salário que se paga fora.

Mas existe um outro tipo de motivação para se jogar bola, não apenas o dinheiro. São as condições de trabalho, são as motivações do país, o ambiente dentro de um clube, todo mundo sabe o que é um bom ambiente dentro de um time de futebol.

E nós precisamos transformar os nossos clubes em clubes-empresa. Muita gente acha que transformar o clube em empresa é pegar a Infraero para botar o seu nome na camisa de um clube. Isso não é transformar clube em empresa. Transformar clube em empresa é fazer com que nossos dirigentes sejam empresários de futebol, porque tem muitos empresários nossos que são empresários em sua atividade particular. Então, é um empresário bem-sucedido fora do futebol, e no futebol ele é apenas dirigente do time, não é o empresário. E ele precisa tratar o clube como uma empresa. Aquele clube tem que gerar dinheiro, tem que gerar riqueza, tem que gerar um orçamento positivo, uma receita.

Como fazer isso se não trabalharmos diretamente o potencial da torcida? Como é que você imagina, Bebeto, um Botafogo? O Botafogo é daqueles times brasileiros que, mesmo não tendo uma torcida “à la Flamengo” ou “à la Vasco da Gama”, todo mundo é um pouco Botafogo. Botafogo é um time que tem a simpatia de muitos torcedores de outros times. Quem é que não



ia ver um futebol como tinha Garrincha, Didi, Quarentinha, Paulinho, Zagalo, e tantos outros? O que leva a torcida ao campo não é a marca da empresa que está na camisa do jogador. O que leva a torcida ao campo de futebol é se o time está bom ou se está mal. Corinthiano ia quando estava mal. Eu me lembro que, quanto mais o Corinthians apanhava, mais a gente ia ao campo. A gente ia quando ganhava, e qualquer torcedor... Tem time no Brasil que só lota o estádio quando ele está disputando a final, outros lotam um pouco mais. Mas eu vejo na televisão futebol alemão, futebol italiano, o estádio está sempre lotado. Eles não gostam mais de futebol do que nós. Talvez não estejamos fazendo alguma coisa que devemos fazer. Vejam o sucesso do Brasiense, aqui em Brasília, em tão pouco tempo de vida. Vejam o sucesso do Ipatinga que, com poucos anos, se transformou em campeão mineiro contra o Cruzeiro e contra o Atlético. Esses times não sobreviverão se não tiverem uma estrutura profissional. Vão ficar dependendo da prefeitura ou da Usiminas, não vão sobreviver a vida inteira.

Então, eu penso, meu querido Agnelo, que você como Ministro, tem que ajudar, como indutor, para que possamos sonhar em ter, daqui a dez ou 15 anos, uma estrutura neste futebol em que os associados sejam a mola, o sustentáculo do financiamento de um time de futebol. E que aí, sim, possamos fazer parcerias empresariais para pagar a parte dos atletas que, na minha opinião, devem ganhar pelo que merecem. Esse negócio de me dizer que um cidadão ganha muito ou ganha pouco, é muito relativo. Cada um pede aquilo que acha que merece, e briga por aquilo. Se não tiver, ele vai procurar. Eu já vi jogadores bons saírem de um time porque ganhavam um terço do que foram ganhar fora. Às vezes não deu certo, não tem problema, mas ele, como ser humano, profissional, se valorizou.

Então eu penso que está na hora de a gente discutir um pouco mais. Eu queria, Agnelo, que estas leis que fizemos aqui, hoje, e que vão ser votadas no Congresso Nacional... que fosse pedir para os deputados ajudarem os



senadores, que fosse um momento de abriremos um grande debate sobre o futuro do futebol do nosso país. Não é possível que um país que tem o potencial de produção de jogadores que tem o Brasil, de um time que tem a história que tem um Flamengo – porque eu vi o Márcio Braga ali, e vi o Iranildo ali – de repente, ficar caindo pelas tabelas, porque não consegue pagar salário, porque não consegue pagar suas dívidas. Alguma coisa está errada. Entra diretor, sai diretor, porque o problema não é de um diretor, o problema é de um conjunto de ações que nós temos que tomar entre muitos diretores, de muitos times de futebol, envolvendo todo mundo, para que a gente possa sonhar com que o Brasil consiga, definitivamente, fazer do futebol uma fonte de receita e de divisas para os clubes, para os jogadores e para o nosso país.

E quero terminar, Ricardo, agradecendo o gesto da CBF, que eu não pude agradecer de público, de fazer aquele jogo no Haiti para ajudar aquele país. Quanto mais discuto sobre o Haiti, quanto mais eu visito a África, eu acho que a Seleção Brasileira deveria ter pelo menos uma data por ano, porque esses meninos, quando chegam à Seleção, viram deuses, são queridos por milhões de pessoas que não moram no Brasil, mas, quem sabe, pudesse a CBF dar uma data por ano para que pudesse fazer mais jogos como aquele em outro país. Se a CBF pudesse jogar na Guiné Bissau, é um país muito pobre, é só atravessar o Atlântico, para mim e para você dá para ir até a nado, com o porte físico nosso, você não sabe o bem que a gente faria para milhões de pessoas que jamais sonhariam em ver um atleta da Seleção Brasileira.

Eu acho que essa é uma contribuição que o esporte pode dar, eu acho que os jogadores estão convencidos de que podem contribuir e eu acho que a gente poderia fazer com que o futebol brasileiro ganhasse uma dimensão ainda muito maior do que ele já tem.

Eu quero parabenizar o companheiro Agnelo pelo trabalho dele à frente do Ministério do Esporte. Ontem, ele foi conversar com o Presidente da Câmara e com o Presidente do Senado, com outros deputados, para mostrar a



necessidade de fazer uma Medida Provisória sobre este assunto.

Quero agradecer a colaboração dos times de futebol que participaram, que ajudaram, que construíram este projeto e que, conjuntamente, nós aprendamos, definitivamente, a vencer as adversidades que se colocarão na nossa frente, a viver isso juntos de forma muito coesa e também aprender a viver juntos nos momentos bons que, ultimamente, não têm sido muitos para os nossos clubes.

Eu desejo que o futebol brasileiro seja infinitamente mais apaixonante do que ele é hoje e, cada vez mais, os atletas possam ter melhores contratos, melhores condições de trabalho e ganharem em função daquilo que eles levam de espetáculo, porque tem muita gente que fala: “ah, o Marcelinho Carioca ganhava muito no Corinthians”. Agora, é importante saber quantos torcedores iam lá para vê-lo jogar bola. Sem ele, era como o Pelé no time do Santos: quando o Pelé ia, tinha um público; quando não ia, tinha outro. Então, o atleta vale por isso. E eu acho que cada vez mais os clubes podem contribuir para a gente combinar o bom atleta com bons cidadãos brasileiros, ou seja, a consciência política e profissional das pessoas têm tanta importância quanto o saber jogar bola.

E os dirigentes sabem que serão responsabilizados pelos seus clubes, pelos seus associados, se as coisas não andarem como precisam andar.

Boa sorte e que Deus ajude o futebol brasileiro.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Programa de Reestruturação da Brasil
Ferrovias**

Campinas-SP, 06 de maio de 2005

Meu caro governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin,

Meu caro companheiro governador interino do estado do Mato Grosso
do Sul, companheiro Egon – porque o segundo nome é complicadíssimo para
falar,

Meu caro companheiro Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes,

Meu caro Ricardo Berzoini, ministro do Trabalho e Emprego,

Meu caro companheiro Ciro Gomes, ministro da Integração Nacional,

Meu caro senador do Mato Grosso do Sul, Delcídio Amaral,

Meu caro companheiro prefeito de Campinas, Hélio Santos,

Demais prefeitos da região de Campinas,

Minha querida Izalene, ex-prefeita de Campinas,

Meu querido companheiro João Paulo Cunha, deputado federal e ex-
presidente da Câmara,

Meu companheiro Arlindo Chinaglia, líder do governo no Congresso
Nacional,

Meu caro deputado Durval Orlato,

Meu caro deputado Jamil Murad,

Meu caro deputado João Hermann,

Meu caro deputado José Mentor,

Meu caro deputado Zarattini,

Meu caro deputado Luciano Zica,



Meus queridos companheiros deputados estaduais,

Meu companheiro Guido Mantega, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social,

Meu caro companheiro Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu caro Alexandre Resende, diretor-geral da Agência Nacional de Transportes Terrestres,

Meu caro Guilherme Lacerda, presidente do Conselho de Administração da Brasil Ferrovias e da Funcef,

Meu caro companheiro Sérgio Rosa, presidente da Previ,

Senhor Elias Nigri, diretor-presidente da Brasil Ferrovias,

Meus amigos trabalhadores e trabalhadoras da Brasil Ferrovias,

Empresários,

Convidados,

Vereadores,

Secretários,

Meus amigos, minhas amigas,

Meu caro Cidão,

Meu companheiro Ivoncy lochpe, que tem nos acompanhado cada vez que falamos de ferrovia,

Meu caro Olacyr de Moraes, pioneiro na construção da Ferronorte,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Antes, eu queria dizer que este ato, aqui, é a concretização de um desejo, de um sonho. De um sonho daqueles que, muitas vezes, parece pesadelo, porque desde maio de 2003, quando lançamos o Plano de Recuperação das Ferrovias Brasileiras, até há pouco tempo atrás, parecia – meus amigos deputados, senadores, governadores, ministros – impossível construir a engenharia que permitisse hoje estarmos aqui anunciando essa boa



nova para o setor ferroviário brasileiro. Foram muitas reuniões, foram muitas conversas, foram reuniões que parecia que iam terminar chegando à conclusão de que não era possível fazer nada.

E, às vezes, eu cheguei a ir para casa pensando que estava para desanimar em acreditar que a gente ia conseguir um entendimento, de que íamos ter engenharia financeira para chegar ao dia de hoje.

Graças a Deus, e eu quero agradecer a todos os companheiros, ao nosso Alexandre Resende, ao Ministro do Transporte, ao Ministro da Integração, ao Ministro da Fazenda, ao companheiro José Dirceu, que teve a tarefa de coordenar a maior parte das reuniões; ao companheiro Guido Mantega, que há pouco tempo assumiu a presidência do BNDES; aos empresários, que entenderam a necessidade, que não tínhamos mais tempo de ficar brigando por coisas menores. Eu quero agradecer a todos vocês porque o que nós estamos vendo aqui, hoje, nesta manifestação, é a recuperação de um meio de transporte que não poderia ter sido jogado no lixo, por conta da introdução da indústria automobilística no nosso país. Era plenamente possível a gente ter feito a combinação há 50 anos atrás de um sistema intermodal de transporte, em que a ferrovia não atrapalhasse a rodovia e que a ferrovia não atrapalhasse a hidrovia, e a gente pudesse, quem sabe, ser um país muito mais rico, muito mais desenvolvido do que estamos hoje.

De qualquer forma, não cabe a nós ficar chorando ou reclamando do que não aconteceu atrás. Cabe a todos nós, independentemente do credo religioso, do partido político, do time de futebol, do sexo, da religião, cabe a todos nós tomar como decisão fazer com que o Brasil aproveite este século XXI e se transforme na grande nação que, certamente, estará predestinada ao Brasil para este século. Os de cabelo branco como eu ou ainda os mais velhos do que eu, ou melhor, ao invés dos mais velhos, os com mais experiência do que eu, sabem perfeitamente bem que nós jogamos fora, ao longo da nossa história, oportunidades extraordinárias. E eu acho que o Brasil não pode mais



jogar fora nenhuma oportunidade. O Brasil não pode mais permitir que uma eleição, seja ela municipal ou nacional, possa atrapalhar um modelo e um projeto de desenvolvimento que possa transformar essa nação numa nação definitivamente soberana, numa nação desenvolvida, geradora de riquezas e distribuidora de renda. Nós não temos o direito de nos tornar seres menores e permitir que joguemos fora mais uma oportunidade.

Eu digo sempre que o legado do político não pode ser uma estrada, o legado do político não pode ser uma ponte, o legado do político não pode ser uma ferrovia. O legado do político tem que ser os objetivos de longo prazo de um país. O alicerce que tem que ser construído, para que o país nunca mais faça uma aventura de curto prazo, que termina, às vezes, até antes de nós comemorarmos aquilo que parecia bom e aquilo que parecia bonito aos olhos do povo.

Sabem os trabalhadores brasileiros quantas vezes fomos dormir com o noticiário de televisão nos enchendo a cabeça e o coração de esperança, e sabem também os trabalhadores como durou pouco essa ilusão, porque muitas vezes o jogo político não respeita o ser humano, não respeita as mulheres, não respeita as crianças, muitas vezes ele se dá apenas em função de interesses menores de grupos ou de pessoas. E eu acredito, piamente, que o legado da nossa geração que poderemos deixar para o nosso país é a certeza de que, definitivamente, o Brasil entrou numa rota de crescimento econômico, o Brasil entrou numa rota de desenvolvimento, o Brasil entrou numa rota de controle inflacionário e que, em hipótese alguma, nós vamos permitir que isso deixe de acontecer, porque o partido, o candidato ou uma pessoa tem um interesse que não é o interesse da nação.

O que estamos anunciando hoje é muito mais do que a reestruturação societária da Brasil Ferrovias, feita sob a coordenação do BNDES, esta instituição brasileira que nos enche de orgulho.

Reordenamos um processo de privatização, açodado e irrefletido, que



deixou à deriva um sistema de transporte indispensável em um país continental como o Brasil.

O que estamos fazendo é mais que uma engenharia financeira, é parte de uma construção mais ampla que está em curso e já atingiu um novo patamar.

Criamos condições na nossa economia, de forma segura e serena, para transferir plenamente para dentro do nosso país o poder de decisão sobre o nosso desenvolvimento e as escolhas que ele impõe.

Uma dessas escolhas explica a importância da presente cerimônia e do BNDES no novo ciclo que se abre. Falo da retomada do investimento pesado na infra-estrutura brasileira, investimento que foi negligenciado durante muito tempo, caracterizando um grave erro de cálculo estratégico. Essa negligência traduzia também um péssimo estado de espírito, uma aceitação passiva da dependência e da estagnação do nosso país, como se isso fizesse parte do destino da nossa nação.

Hoje, graças a Deus, o sentimento é outro. O Brasil volta a crescer, e o crescimento é um poderoso caminho de superação de esquematismos doutrinários que, no passado, confundiram estabilidade com estagnação.

Exportamos, em abril, uma média de 460 milhões de dólares por dia. Se multiplicarmos esse valor por 240 dias úteis, teremos uma projeção de exportação da ordem de 110 bilhões de dólares em 12 meses. O saldo comercial neste primeiro quadrimestre é da ordem de três bilhões de dólares, em média, projetado em um valor acumulado de cerca de 38 bilhões em 12 meses.

É bom lembrar que, de 1995 até o começo de 2003, o Brasil registrou um déficit comercial da ordem de dois bilhões de dólares em todos esses anos. Esse déficit acarretou um prejuízo ao nosso país de 16 bilhões e 700 milhões de dólares em sete anos. Com o atual ritmo de exportações, temos condições de reverter o total desse prejuízo em pouco mais de cinco meses.



Meus amigos e minhas amigas,

Este novo Brasil, que acredita no seu futuro, não cabe na estrutura acanhada do passado. Não se trata apenas de confrontar cifras ou estatísticas. A verdade é que estamos trocando a dependência financeira por uma inserção comercial soberana e competitiva no mercado mundial. Quanto maior for a capacidade brasileira de gerar saldos comerciais, maior será a nossa autonomia em relação a capitais voláteis, e menor a dependência em relação a empréstimos externos.

O superávit em conta corrente, nos últimos 12 meses, superior a 2% do PIB, confirma o acerto dessa escolha. É o maior percentual registrado na história econômica deste país desde 1947.

Portanto, vivemos uma mudança estrutural indiscutível neste momento histórico. Uma transformação profunda, especialmente se comparada à vulnerabilidade dos anos 90, quando o Brasil acumulava, em média, 25 bilhões de dólares de déficit em conta corrente por ano, como aconteceu nos últimos anos.

Para sustentar e ampliar essa nova dinâmica, que transfere para dentro do país a prerrogativa de orientar seu desenvolvimento, temos que providenciar a infra-estrutura condizente com o tamanho das nossas aspirações e no limite superior das nossas possibilidades.

A reestruturação societária da Brasil Ferrovias é um passo largo para recuperar o tempo perdido no sistema ferroviário nacional, e não foi pouco o que se perdeu. Nos anos 30, o Brasil dispunha de 38 mil quilômetros de ferrovias. Nosso país perdeu dez mil quilômetros de trilhos nessas sete décadas e construiu apenas dois mil quilômetros de novas estradas de ferro.

Com o Plano de Revitalização de Ferrovias, que lançamos em maio de 2003, os investimentos foram retomados. Registrou-se, de imediato, um aumento superior a 15% no volume transportado. O Brasil, graças a Deus, voltou a crescer como não fazia há dez anos. E a demanda de carga vem se



acelerando cada vez mais.

Para se ter uma idéia, o Brasil está comprando locomotivas usadas dos Estados Unidos. Há fila de espera para peças e equipamentos ferroviários. Fundições estão adaptando a estrutura já existente em suas fábricas para produção emergencial de plataformas de vagões, cujas encomendas dobraram em relação a 2004. Isso demonstra o quanto podemos expandir a produção de tudo isso aqui, neste país.

Eu, pelo menos, sou daqueles que já vi uma fábrica brasileira ser construída em Araraquara para produzir locomotivas e não produziu quase nenhuma. Eu espero, meu caro lochpe que, logo, logo, a gente, além de importar essas velhas, mais baratas para reformar, o que também gera emprego, que a gente possa estar construindo, no Brasil, locomotivas com tecnologia brasileira, com conhecimento brasileiro, não para apenas usar aqui dentro mas, também, para que a gente possa exportar para outro país.

Agora, desatado o nó financeiro que emperrava a destinação de recursos à Brasil Ferrovias, abre-se um novo ciclo de investimentos, que deve chegar a mais de R\$ 2 bilhões de reais nos próximos anos. Vamos recuperar, ampliar e modernizar esse sistema de importância vital na logística nacional. Corredores de alta performance serão implantados. E gargalos serão superados para otimizar o escoamento da produção do Centro-Oeste até o litoral paulista.

As três ferrovias revitalizadas, a Ferronorte, a Ferroban e a Novoeste, cruzam os estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e servem, ainda, a Goiás e Minas Gerais, através da hidrovia Tietê-Paraná. Além disso, interligam dois países vizinhos, Paraguai e Bolívia, ao porto de Santos.

Não se trata, portanto, de encarar os gargalos apenas como crise. Temos pela frente, na verdade, um enorme leque de oportunidades. Os investimentos em infra-estrutura que estamos fazendo possibilitarão cada vez maior expansão produtiva, gerando mais empregos e renda ao nosso país.



Meus amigos e minhas amigas,

Temos que lembrar que, nos anos 90, o BNDES perdeu seu foco como banco de investimento, ao mesmo tempo em que a crise do Estado desarticulava os mecanismos de coordenação e complementaridade entre as ações do setor público e do setor privado na economia.

O país deixou de pensar em si mesmo como um sistema econômico integrado. A lógica de cada um por si teve efeitos negativos em diferentes áreas, mas foi sobretudo corrosiva no setor social e na infra-estrutura.

Nós sabemos que a solução do futuro não está numa volta ao passado. O BNDES não é – e não será mais – o braço financeiro de um modelo tecnocrático de desenvolvimento. Ele passou a ser parte relevante da construção de uma sociedade de compromissos compartilhados, que viabiliza novas formas de coordenação entre o setor público e o setor privado, indispensáveis aos grandes ciclos de progresso econômico e desenvolvimento humano. As Parcerias Público-Privadas juntam-se a esse papel articulador e de fomento do BNDES. São fontes propulsoras dessa nova etapa da vida nacional.

Graças a essa convergência de esforços entre o capital privado, os fundos de pensão e o setor público, vamos duplicar o trecho rodoviário da BR 116, de Feira de Santana, na Bahia, até a divisa de Minas Gerais.

As PPPs vão possibilitar ainda a ampliação da ferrovia Norte-Sul, que liga Carajás ao Porto de Itaqui, no Maranhão, cujas dimensões equivalem ao porto de Roterdã, na Holanda, considerado o maior do mundo.

Para reverter o “apagão logístico” plantado nos anos 90, o governo também está trabalhando para recuperar a infra-estrutura existente. São obras de dragagem em cinco portos; é a restauração de sete mil quilômetros de rodovias ao longo dos próximos 12 meses; é também a licitação de sete trechos de rodovias federais – compondo tudo isso a agenda prioritária do Ministério dos Transportes, com orçamento assegurado em 2005.



Atingimos, portanto, condições econômicas que não apenas nos credenciam a avançar nesse novo ciclo do investimento nacional, é mais que isso: creio que os resultados já alcançados adicionam um ingrediente indispensável ao processo de desenvolvimento de uma nação. Falo de um novo estado de espírito nacional. Um estado de ânimo renovado, que se apóia na convicção de que este país vive um processo de transformação estrutural relevante. Dentro dele há espaço para mudar padrões de produção e de renda, vencer velhos gargalos e encontrar novos caminhos que ampliam as fronteiras do possível, promovendo o reencontro do nosso querido Brasil consigo mesmo.

Muito obrigado e meus parabéns a todos!



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de abertura da Cúpula América do Sul – Países Árabes

Centro de Convenções Ulysses Guimarães, 10 de maio de 2005

Senhores Chefes de Estado e Chefes de Delegação dos Países Árabes e da América do Sul,

Senhores ministros integrantes das delegações presentes à Cúpula América do Sul – Países Árabes,

Senhores convidados,

Autoridades brasileiras,

Meus senhores e minhas senhoras,

Em nome do povo brasileiro, dou as boas-vindas a todos.

É uma honra para mim e para meu governo recebê-los em Brasília, cidade que simboliza nossa capacidade de realizar sonhos e construir o futuro.

Sei que a alegria de ter entre nós importantes líderes do mundo árabe não é só nossa, brasileiros, mas de todos os dirigentes sul-americanos, que igualmente nos honram com suas presenças.

O Brasil acolhe a todos com os braços abertos, na melhor tradição de nossa hospitalidade, que é aquela da América do Sul e que herdamos do mundo árabe.

Quero saudar, de modo particular, meu amigo, o presidente Bouteflika, da Argélia. Na qualidade de Presidente da Liga de Estados Árabes, ele co-presidirá este evento.

Esta Cúpula exprime o compromisso que assumimos de trabalhar, de forma pioneira, para aproximar duas regiões geograficamente distantes.



É uma reunião ousada por seus objetivos e ambiciosa em suas aspirações. Queremos dar passos concretos e duradouros na luta pelo desenvolvimento e pela justiça social.

Nosso encontro é uma demonstração de confiança no diálogo como forma de aproximar países distantes, culturas distintas e percepções diferentes do mundo. Ele expressa a confiança no poder do conhecimento mútuo como fator de aproximação e entendimento. Compartilhamos valores: a tolerância e o respeito mútuo, o culto à diversidade, a aspiração ao desenvolvimento.

Hoje, estamos diante da oportunidade histórica de lançar os fundamentos de uma ponte de sólida cooperação entre a América do Sul e o Mundo Árabe.

No caminho que nos trouxe a esta reunião, nos motivou, sobretudo, o entusiasmo e a emoção que a iniciativa provocou nas comunidades de origem árabe na América do Sul. Para o Brasil e o nosso Continente esta cúpula tem o sabor de um reencontro. O reencontro dos sul-americanos com uma civilização que nos chegou primeiro pela herança ibérica e, depois, pela imigração. Esses valores são hoje parte indissociável de nossa própria identidade.

Mais do que resgatar vínculos sentimentais, buscamos valorizar esse patrimônio para abrir um novo capítulo nas relações entre duas importantes regiões do mundo em desenvolvimento.

Queremos aproveitar esse imenso potencial para a realização de objetivos comuns à América do Sul e ao Mundo Árabe. Vamos identificar oportunidades de comércio e investimentos que permitam a nossos países explorar as possibilidades da economia global.

É necessário promover a equidade em um sistema multilateral de comércio profundamente marcado por assimetrias e distorções. Devemos nos afirmar perante uma ordem econômica resistente à transformação e aos interesses legítimos dos países em desenvolvimento.



Nosso grande desafio é desenhar uma nova geografia econômica e comercial internacional. Podemos traçar novos rumos na busca do desenvolvimento, sem desconsiderar caminhos tradicionais, mas com autonomia, criatividade e ousadia. Mas esse esforço só será recompensado se soubermos transformar os frutos do desenvolvimento em instrumentos eficazes para diminuição das desigualdades sociais, a promoção dos direitos humanos e o aperfeiçoamento das instituições democráticas.

Não estamos reunidos apenas em busca de vantagens econômicas e comerciais. Defendemos a democratização dos organismos internacionais para que a voz dos países em desenvolvimento seja ouvida. Buscamos um comércio justo e equilibrado, livre de subsídios impostos pelos países ricos e que assegure aos países pobres os benefícios da globalização.

Queremos estabelecer uma nova relação de colaboração solidária com os organismos financeiros internacionais. Logramos, o Mercosul e o Conselho de Cooperação do Golfo, concluir um acordo-quadro de cooperação econômica. É uma alegria estar aqui hoje com o Emir do Catar, Al-Thani, com os representantes dos demais países do Conselho de Cooperação do Golfo e com os presidentes, nossos sócios do Mercosul.

Em suma, o que move os líderes aqui presentes é a necessidade de fortalecer um espaço político que contribua para a construção de um mundo de paz, democracia e justiça social.

Podemos nos orgulhar do muito que já foi alcançado na preparação desta Cúpula. Canais de comunicação foram abertos e revitalizados entre nossos governos e, o que é mais importante, em todos os segmentos da sociedade civil.

Vencemos o ceticismo dos que duvidavam de nossa capacidade de trabalhar juntos. Prevaleceu a coragem de romper padrões estabelecidos e explorar alternativas na busca de um futuro melhor para nossos povos.



É, portanto, com grande satisfação e expectativa e, sobretudo, com muita esperança, que declaro abertos os trabalhos desta Cúpula América do Sul - Países Árabes.

Boa sorte e muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento da 2ª Reunião Plenária da Cúpula América do Sul – Países Árabes

Hotel Blue Tree

Brasília-DF, 10 de maio de 2005

Eu queria, primeiro, dizer a todos os Chefes de Estado e a todos os membros de governos aqui presentes que esta reunião demonstrou, mais uma vez, o quanto nós podemos avançar, na medida em que nos dispomos a trabalhar conjuntamente para alargar o mundo em que vivemos.

Amanhã nós teremos a 3ª Reunião Plenária e é importante lembrar a todos que nós teremos uma apresentação sintética do Relatório, pelo Ministro da Indústria do Brasil e pelo Ministro do Petróleo da Argélia, que irão apresentar o relatório dos encontros empresariais que aconteceram nesses dias.

Eu quero agradecer a todos vocês. Daqui a pouco vamos ter um jantar no Itamaraty em que eu espero recebê-los todos. E amanhã eu quero convidá-los a fazer quantas bilaterais forem necessárias para que a gente possa fortalecer ainda mais essa Cúpula América do Sul – Países Árabes.

Amanhã, portanto, às 11 horas da manhã, nós estaremos reunidos aqui, para fazermos a nossa 3ª Reunião Plenária. Você quer dar um comunicado? Ministro Celso Amorim vai fazer um comunicado.

Palavras do Ministro Celso Amorim

Sim, a pedido do Ministro do Marrocos, eu, com muita alegria, comunico



a todos que o Marrocos se ofereceu para ser a sede da próxima Cúpula, na primavera marroquina, que será outono aqui, mas, enfim, no segundo trimestre de 2008. Seria útil que todos pudessemos tomar esse oferecimento por aclamação.

Presidente: Bom, já estamos preparando as malas para ir para o Marrocos em 2008. Eu quero agradecer a todos vocês. Boa noite e até amanhã às 11 horas. Primeiro vamos ao jantar e amanhã nos encontramos às 11 horas.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento da Cúpula América do Sul – Países Árabes

Hotel Blue Tree, Brasília-DF, 11 de maio de 2005

Diferentemente do Chávez, eu prometo ser breve, muito breve.

Primeiro, quero dizer a todos vocês, que vieram dos seus países a convite do Brasil, do Mercosul e da América do Sul para participar deste evento, quero que saibam que é profundo o respeito e a admiração que eu tenho pelo gesto de vocês.

Eu mesmo já deixei de ir a algumas reuniões importantes, mas quando vai um representante meu, seja o meu chanceler ou outro funcionário qualquer, ele vai com procuração do Presidente da República para fazer o que tiver que ser feito, porque nós não temos tempo a perder.

Por isso meus agradecimentos a vocês.

Quero agradecer aos nossos chanceleres e à diplomacia de todos os países participantes desta Cúpula. Eu, particularmente, sou um crítico feroz da burocracia, mas sem bons burocratas nós erraríamos muito mais do que erramos e faríamos muito menos do que fazemos. E eu sei que realizar esta Cúpula, preparar a declaração, não foi uma tarefa fácil, foi uma tarefa gigantesca. E eu quero agradecer a todos os chanceleres de todos os países que contribuíram para que nós pudéssemos concluir com muito êxito esta reunião.

Quero também cumprimentar a imprensa que veio aqui, de outros países, a imprensa brasileira, porque também tiveram um comportamento altamente civilizado. E poucas vezes eu vi imprensa tão ordeira como essa em eventos internacionais.



Quero agradecer aos funcionários deste hotel que, sem dúvida nenhuma, fizeram todo o possível para que nós tivéssemos um tratamento digno, respeitoso e de boa qualidade.

Quero agradecer às pessoas dos mais diferentes chefes de Estado que trabalharam na sua segurança e também na segurança do hotel e dos eventos, porque muitas vezes nós ficamos incomodados com alguma coisa desagradável que nos aconteça, mas também sem eles seria muito mais difícil exercitarmos o nosso governo.

Quero também desejar ao Presidente da autoridade Palestina e ao povo palestino, toda sorte do mundo para que a gente possa conquistar a paz definitiva.

Eu fiquei impressionado com a conversa que tive com o Presidente da autoridade palestina, pela sua sabedoria e pela sua tranqüilidade em saber que a paz será, sobretudo, um jogo de paciência, como um jogo de xadrez, ao mesmo tempo em que temos pressa de conquistá-la, temos que ter paciência para construir as oportunidades políticas para alcançá-la.

Eu nasci na política brasileira defendendo o Estado Palestino, mas também nunca neguei a necessidade do Estado de Israel, e penso que o ser humano é muito inteligente para aprender que a paz é a única coisa que pode permitir a construção de um mundo harmonioso, democrático e socialmente justo.

Quero desejar ao povo do Iraque toda sorte do mundo. O Brasil foi daqueles países que contestou a ocupação porque entendia que era preciso negociar mais. Agora, o que nós queremos é que o povo iraquiano tenha a possibilidade de reconstruir o seu país, reconstruir instituições sólidas, consolidar a democracia, consolidar o desenvolvimento, porque eu acho que, como outros povos, o povo iraquiano tem o direito de construir a sua própria felicidade e seu próprio país.

Por fim, quero dizer aos meus amigos aqui presentes que se olharmos



este painel tão bonito, que mostra a diversidade cultural deste encontro, cada um de nós, certamente, verá uma coisa nele a ser destacada. Cada um de nós achará defeito em alguma coisa e virtude em outra coisa. É assim que eu vejo este encontro.

Muitas vezes ficamos ansiosos. Nos encontramos tão pouco que quando nos encontramos muitas vezes cobramos de nós mesmos coisas que sabemos ser impossíveis de serem feitas num pequeno espaço de tempo.

Para mim, esta Cúpula tem o sabor da construção de um alicerce, um alicerce qualquer que dará sustentação a uma casa sólida, um alicerce muito forte para dar sustentação a um monumento de relações internacionais que acabamos de concluir com a aprovação da Declaração de Brasília.

Eu acredito que muito mais que as perspectivas comerciais imediatas, muito mais do que qualquer outra coisa que aconteceu nesses dois dias, o mais importante foi que nós nos conhecemos, que nós pudemos perceber o quanto somos parecidos, o quanto temos interesses comuns e o quanto poderemos construir juntos, num mundo onde o rico cada vez fica mais rico e o pobre cada vez fica mais pobre; num mundo em que o conhecimento científico-tecnológico ainda não chegou a todos; num mundo em que, apesar dos avanços da ciência e da tecnologia, um bilhão de seres humanos vão dormir, toda noite, sem ter comido as colorias e as proteínas necessárias ao ser humano.

Poderia aqui citar muitos culpados, e não faltam culpados. Para qualquer lado que olhássemos poderíamos ver um culpado pelas coisas que acontecem no mundo. Mas eu aprendi também, desde pequeno, que antes de condenar alguém, antes de culpar outrem, eu aprendi a me olhar por dentro e saber que as nossas debilidades não são frutos de erros históricos cometidos por gente que, antes nós, governaram os nossos países. Nós temos toda uma história para analisar o que aconteceu em cada um dos nossos países. Eu miro muito no meu país, no século XX. E é por mirar o século XX que eu desejo,



ardentemente, construir um século XXI diferente do que foi o século XX. É possível construir um mundo sem guerras, é possível construir um mundo sem muros e sem fronteiras ideológicas, racistas, preconceituosas, econômicas e culturais. Esse mundo depende mais da nossa cabeça e das nossas atitudes do que das atitudes dos outros.

Esta reunião tem para mim o início de um novo momento histórico nas nossas relações; ela é para mim o início de uma nova era na relação América do Sul, Mundo Árabe; Mundo Árabe, América do Sul; Mundo Africano, América do Sul; Mundo Africano, países asiáticos; ou seja, uma junção dos países que têm similaridade, dos países que têm algo entre si para trocar sem que seja uma mera exploração, países que estejam pensando no comércio internacional como uma mão de duas vias, em que nós precisamos comprar e precisamos vender, e que o equilíbrio dessa relação é a única possibilidade de permitir que cresçamos juntos, porque se apenas alguns crescerem, essa árvore poderá ser muito alta, mas os seus galhos serão frágeis e poderão quebrar com a falta de democracia, com o terrorismo existente por causa da má distribuição da riqueza produzida no planeta Terra.

Eu tenho apenas dois anos e quatro meses de governo. Parecia que quatro anos seriam intermináveis, mas já está terminando. Mais da metade do meu mandato eu dediquei para fazer política internacional. E fazer política internacional porque eu não acredito que exista saída individual para qualquer país do mundo. O país pode ter petróleo, o país pode ter muito minério de ferro, o país pode ter muito ouro, diamante. Tudo isso tem um fim. O que não acabará nunca são as relações sólidas que formos capazes de construir enquanto passamos pelo governo.

E neste encontro, aqui, podem ficar certos que o aperto de mão que vocês se deram, o bom dia, o boa tarde, o boa noite que vocês se deram, os abraços que vocês se deram nesses dois dias vale, possivelmente, para o



futuro que queremos construir, muito mais do que um negócio que façamos no imediatismo das nossas conquistas comerciais.

Quero que vocês, ao saírem do Brasil, tenham a clareza de que o que viram é a mais pura realidade. Há muita similaridade entre os nossos povos, afinal de contas, o Brasil é a segunda população negra do mundo. Só perdemos para a Nigéria, e são poucos os países árabes que têm a quantidade de árabes e descendentes de árabes que moram neste país, que aqui convivem em paz, participam da política, comungam suas religiões sem serem importunados pelo nosso governo e pelo nosso povo, mas respeitados no exercício das suas atividades. Essa gente ajudou a construir este país, essa gente dá uma demonstração da convivência pacífica com o povo judeu, essa gente, portanto, tem muito a nos ensinar, e o que vocês viram aqui, nas ruas de Brasília, é o que vocês verão em qualquer cidade brasileira, em qualquer estado deste país.

Verão gente pobre, verão gente que mora em favelas, verão gente que protesta contra o governo, verão gente das mais diferentes cores, dos mais diferentes credos religiosos, mas uma coisa vocês encontrarão: seres humanos que têm um otimismo extraordinário, que têm uma vontade de estabelecer relação com o mundo como poucos e que acreditam, firmemente, de que somente com paz e democracia nós poderemos construir o mundo que queremos, até porque o mundo que nós queremos precisa de desenvolvimento. O desenvolvimento que nós queremos precisa de investimento em saúde, em educação, precisa de investimento em ciência e tecnologia, precisa de investimento em infra-estrutura, e é por conta desse sonho de construir países desenvolvidos mais justos que nós precisamos nos abraçar, nos dar as mãos e, definitivamente, nunca nos cansar quando olharmos para o mapa e vermos a distância que nos separa, e dissermos: eu não posso ir naquela reunião. Eu digo: vale a pena.

Eu já saí do Brasil a uma hora da manhã para chegar num país às nove,



para fazer uma palestra às dez, para sair de lá às onze e para chegar no Brasil às sete da noite e, mesmo assim, eu digo: vale a pena, porque é esse aperto de mão, é esse abraço, é esse olho no olho que vai permitir que a gente construa no século XXI um mundo mais humano, mais solidário, mais desenvolvido e socialmente mais justo do que o mundo que nós deixamos para trás no século XX.

Muito obrigado a todos, boa sorte ao regressar ao seu país e vamos trabalhar, porque as portas estão abertas.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido pelo Presidente da República Argelina Democrática e Popular, Abdelaziz Bouteflika

Palácio Itamaraty, 12 de maio de 2005

Excelentíssimo senhor Bouteflika, presidente da República Argelina Democrática e Popular,

Senhor Nelson Jobim, presidente do Supremo Tribunal Federal,

Senhores ministros e demais integrantes da comitiva da Argélia e do Brasil,

Meu caro companheiro deputado Miguel Arraes, de tantas lembranças boas da Argélia e más, também, porque estava exilado,

Parlamentares,

Embaixadores,

Meus amigos e minhas amigas,

Com imensa alegria recebo o presidente Bouteflika, nesta etapa bilateral de sua visita ao Brasil. Que seja esta a ocasião para expressar, de público, minha gratidão a este grande líder e estadista argelino por seu apoio e participação central na Cúpula América do Sul - Países Árabes, que ambos presidimos.

Temos acompanhado com admiração o importante trabalho que Vossa Excelência vem desenvolvendo desde o seu primeiro mandato, em favor da concórdia política e do desenvolvimento econômico crescentes de seu país. O êxito desse esforço certamente contribuiu para reforçar mais ainda a projeção da Argélia em todo o mundo.

A Argélia é um país que aprendemos a admirar por sua atuação vigorosa na defesa do desenvolvimento, da justiça social e da paz. Nessa luta



se consolidou, ao longo de décadas, como tradicional aliado do Brasil na arena internacional e multilateral.

Presidente Bouteflika,

A Argélia tem particular significado para nós, brasileiros. Seu país acolheu solidariamente muitos compatriotas nossos que foram forçados a deixar o Brasil em tempos sombrios da nossa história. Dentre eles, encontravam-se inúmeros companheiros que vieram desempenhar relevante papel na vida social, política e cultural do Brasil. Alguns deles integraram as fileiras de meu partido e de partidos aliados. Quero deixar aqui aos irmãos argelinos, uma vez mais, nosso agradecimento por essa solidariedade.

O Brasil mudou muito desde então. Restauramos as instituições e as liberdades democráticas. Expandiu-se consideravelmente a participação popular em nossa vida pública. Podemos desfrutar hoje de abertura e transparência democráticas conquistadas pelo povo brasileiro. Mas não conseguimos resolver ainda graves formas de exclusão social. Por isso, meu governo tem o compromisso fundamental com o resgate dessa enorme dívida social. Tenho dedicado especial atenção à necessidade de combater a fome e a pobreza, inclusive no plano mundial. Buscamos dar maior visibilidade a esses problemas na agenda internacional, conforme o espírito da Declaração de Nova Iorque, adotada em setembro de 2004, com o endosso de mais de cem países.

Registro o reconhecimento brasileiro pelo valioso apoio pessoal de Vossa Excelência à iniciativa, marcada por sua participação destacada na reunião de Nova Iorque. É com alegria que incorporamos a Argélia no grupo de trabalho para o combate à fome.

A coincidência de interesses do Brasil e da Argélia quanto à prioridade ao desenvolvimento social constitui um dos muitos exemplos das nossas posições comuns.

Também nos contatos que mantivemos durante sua presença em



Brasília, e mesmo em oportunidades anteriores, como em Evian, pudemos comprovar nossa ampla sintonia em diversos temas. É o caso do trabalho desenvolvido pela União Africana e as possibilidades de cooperação abertas pela Nova Parceria para o Desenvolvimento da África – NEPAD.

Torna-se relevante, por isso mesmo, continuar a estreitar a coordenação entre os nossos países no âmbito dos organismos e reuniões internacionais.

Ressalto, a propósito, a co-presidência da Cúpula América do Sul- Países Árabes, que tornou possível o grande êxito deste evento pioneiro, concluído ontem.

Recordo também o convite para o Chanceler brasileiro dirigir-se à 17ª Cúpula da Liga Árabe, realizada em Argel em março passado, oportunidade em que tratou da organização do encontro birregional.

Na esfera bilateral, nossos países têm diante de si variadas perspectivas para fortalecer e diversificar as relações. O comércio crescente é claro indicador das potencialidades existentes. Dobramos o intercâmbio de 2003 para 2004, que passou de um bilhão e duzentos milhões de dólares para significativos dois bilhões e trezentos milhões. Sei que nossa pauta de produtos ainda reflete a concentração do comércio em uns poucos itens. Isso apenas nos mostra que existe considerável espaço para diversificação e aumento das trocas em bases sustentáveis e equilibradas.

Devemos continuar a trabalhar sobre as muitas afinidades entre nossos países e sociedades. Sua visita, presidente Bouteflika, cria a valiosa oportunidade de impulsionar o comércio e as nossas relações. Estou confiante e seguro de que nossas sociedades têm muito a ganhar com essa aproximação, que pode ser modelar, inclusive como expressão de um diálogo entre culturas.

Celebro, portanto, este encontro de amigos e parceiros no Palácio Itamaraty. Esta é uma obra do grande arquiteto Oscar Niemeyer, construtor de Brasília e que deixou também as marcas de sua genialidade nas cidades da



Argélia.

É, assim, com esse espírito de fraternidade e de companheirismo que peço a todos que se unam a mim, mesmo que com água, neste brinde à prosperidade de nossos povos e à felicidade pessoal de Vossa Excelência.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia comemorativa ao Dia Internacional da Biodiversidade em 2005
Palácio do Planalto, 20 de maio de 2005**

Meu caro José Alencar, vice-presidente da República e ministro da
Defesa,

Senhores embaixadores,

Meus companheiros ministros José Dirceu, Marina Silva, Eduardo
Campos, Ciro Gomes, José Fritsch,

Meu cargo governador do estado do Amapá, Valdez Góes,

Deputado Miguel de Souza,

Meu caro Carlos Alberto Richa, prefeito de Curitiba,

Senhor Claude Martin, presidente do Fundo Mundial da Natureza,

Meus caros amigos do Ibama, Marcos Barros,

Da Polícia Federal, Paulo Lacerda,

Do Exército, nosso comandante Albuquerque,

Eu penso que, hoje, nós já podemos respirar mais tranquilos, ao tomarmos medidas dessa natureza. Possivelmente alguém da Europa ou de outra parte do mundo, já desenvolvida, não sabe o quanto essas pessoas que estão aqui, grande parte delas e outras que não estão aqui, sofreram na pele por ousar falar a palavra biodiversidade há 20 anos atrás; ousar falar “defesa do ecossistema” há 20 anos atrás, ou ousar falar de criar reservas extrativistas ou parques neste país.

O tempo se encarregou de provar que, muito mais do que uma vontade de um ministro, de um governante, muito mais do que essa vontade pessoal, nós conseguimos transformar o cuidado com o meio ambiente, a preservação



da nossa água, das nossas florestas, dos nossos animais numa política de Estado.

É certo que, até consagrarmos tudo que estamos fazendo, leva tempo. E por levar tempo é que o Brasil se dá ao luxo de ter uma ministra da envergadura da companheira Marina.

Não sei se o nosso visitante ilustre, o senhor Martin, percebeu a dificuldade da Marina se locomover ao palanque. Mas essa fragilidade da Marina, que não é de hoje, ela sempre foi assim, não permite que essa moça fraqueje um segundo na defesa das coisas que ela acredita que devem ser feitas neste país.

Ela – eu nem comi pipoca e estou assim* – tem sido a própria cara do que nós estamos tentando imprimir no nosso país, ou seja, quando a gente fala em preservação ambiental, em meio ambiente, biodiversidade, ecossistema, a gente não tem que olhar para outra coisa a não ser para a cara da nossa ministra, porque ela representa exatamente a síntese daquilo que as melhores almas do mundo fazem em busca da proteção do planeta.

Eu estou dizendo isso porque essa área de meio ambiente é uma área muito criticada às vezes. No Brasil, a coisa mais fácil do mundo é alguém jogar a culpa em cima de uma coisa que não é feita por causa do Ibama ou do Ministério do Meio Ambiente, sem as pessoas se darem conta de que o Ministério do Meio Ambiente e o Ibama têm que cumprir a legislação existente, feita democraticamente pelo Congresso Nacional.

Mas o simples cumprimento da lei, muitas vezes, deixa as pessoas indignadas, porque alguns, se pudessem, desmatavam tudo; alguns se esquecem de olhar para as grandes regiões metropolitanas que já estão totalmente degradadas, por irresponsabilidade, há 50 anos, há 40 anos, e mesmo assim algumas pessoas resistem a que as coisas aconteçam da melhor forma possível, onde as pessoas possam cortar uma árvore para fazer um

* Presidente faz brincadeira após tossir durante o discurso



móvel, mas que isso seja dentro de critérios, de regras estabelecidas, de um processo de manejo.

Alguns são vorazes, eles, se pudessem, derrubavam tudo com trator ou com motosserra. Se pudessem poluíam todas as águas, porque alguns, por ignorância, acham que são infindáveis os bens que a natureza nos deu. E a companheira Marina, dentro do governo, conseguiu uma proeza com esse jeito dela se comportar.

Primeiro, ela conseguiu interagir com uma quantidade de ministros, às vezes 12, às vezes 13 ministros, para que as coisas aconteçam desde o seu nascedouro da melhor forma possível. Se a gente tiver que discutir quando um projeto tiver pronto, por que não começar a discutir na hora de começar a fazer o projeto? É mais difícil, demora mais, mas é mais eficaz, é mais produtivo do ponto de vista do resultado final, e isso só é possível porque nós temos o privilégio de ter uma ministra do porte da companheira Marina.

Talvez se fosse uma pessoa que não tivesse nascido num seringal, que não tivesse morado até 16 anos no meio do mato, analfabeta, sem perspectiva de vida, se não conhecesse profundamente a luta estabelecida no estado do Acre pelo nosso companheiro Chico Mendes, possivelmente, se não conhecesse tudo isso, talvez ela não tivesse essa leveza de procedimento, essa paciência que ela tem para fazer com que as coisas aconteçam.

A Marina causou medo quando eu a escolhi para ministra, porque achavam que eu ia colocar como ministra uma pessoa que não ia deixar acontecer mais nada neste país. O “não acontecer” neste país é as pessoas quererem que o governo autorize a se fazer as coisas que são ilegais.

Eu me lembro que a Marina usou uma frase, logo no início do governo: “nós queremos mudar a cara do Ministério do Meio Ambiente, a cara do Ibama, que ao invés de ser o ministério proibitivo, ao invés de ser um organismo apenas para dizer não, nós vamos mudar a sua cara para dizer o como fazer, como fazer corretamente”. É assim que nós construímos projetos



extraordinários, é assim que estamos discutindo a revitalização do rio São Francisco, conjuntamente, com os ministros todos envolvidos, discutindo, todo mundo respeitando a visão do outro. E nós conseguimos, em tão curto prazo, elaborar um projeto que muitos levaram anos e anos e não conseguiram fazer.

Esse é o enfrentamento, meu caro Martin, e nós vamos fazê-lo 24 horas por dia, durante todo o tempo em que nós estivermos à frente do governo, porque nós achamos que o Brasil tem condições de fazer muito mais do que está fazendo, o Brasil, cada vez que a gente tenta demarcar uma terra indígena, tem uma parte que abre guerra e costuma dizer: não, mas isso é maior do que a Suíça, é maior do que a Holanda. Nós não temos culpa de ser maiores do que a Suíça, do que a Holanda. Se nós fôssemos do tamanho da Holanda, possivelmente a demarcação seria pequenininha. Mas quando as pessoas reclamam que nós homologamos Raposa Serra do Sol de forma contínua, e falam em quase dois milhões de hectares de terra, as pessoas se esquecem que os intrusos não são os índios que estão lá, mas que fomos nós que, em 1500, chegamos aqui e tomamos os oito milhões e meio de quilômetros quadrados deles. O que nós estamos tentando fazer é apenas reparar os prejuízos que se cometeu ao longo de séculos neste país.

Da mesma forma que, quando adotamos uma política para cuidar dos quilombos, por mais que a gente faça, a gente não vai conseguir rever, pagar o que se fez durante 300 anos com os escravos no Brasil. Mas isso não impede que a gente aproveite os poucos remanescentes que existem em áreas normalmente muito distantes dos centros urbanos e consigamos consolidar, para que essas pessoas tenham, no mínimo, a escritura do pedaço de terra em que eles moraram, às vezes famílias morando há mais de cem anos no mesmo local.

E quando nós estamos aqui, discutindo o Dia Mundial da Biodiversidade, eu quero dizer a todos vocês que, o que nós estamos fazendo é, possivelmente, o maior processo de se tomar conta deste país que já foi feito



em tão pouco tempo. Ainda tem muito por fazer, porque não temos o controle, nem a Polícia Federal, nem o Ibama, nem o Exército tem o controle de todo o descaso que, muitas vezes, alguns praticam, mas que estamos aperfeiçoando, estamos nos educando, estamos nos preparando para que a gente tenha instrumentos, cada vez mais eficazes, para que a gente possa, não apenas ser visto pelo mundo, mas para que a gente possa ter a nossa auto-estima valorizada, porque conseguimos fazer aquilo que os nossos filhos e os nossos netos um dia irão nos agradecer.

Eu, quando passo no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Minas Gerais, num córrego totalmente poluído, eu fico pensando se, há 50 anos atrás, tivéssemos a consciência que temos hoje, ao invés de estar passando dejetos naquela água, teria alguém pescando, como a gente vê nos grandes centros desenvolvidos e nos países ricos. Nós ainda vamos chegar lá. A sociedade vai evoluindo, os defensores do meio ambiente já não são mais tratados como minoria sectária ou radical, já não são estudantes.

Hoje, quando nós chegamos em casa, os nossos filhos nos cobram procedimentos, ações. E eu acho que isso vai evoluindo muito mais rápido do que a gente pensa.

Portanto, eu quero terminar dizendo que feliz o país que tem a floresta que nós temos. Feliz o país que tem a água que nós temos. Mas muito mais feliz é o país que tem uma ministra como a Marina para tomar conta de tudo isso.

Muito obrigado, Marina, e meus parabéns.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do encerramento do Seminário Brasil-Coréia: Oportunidades de Comércio e Investimentos

Seul-Coréia, 24 de maio de 2005

É uma enorme satisfação participar do encerramento deste seminário, que reuniu importantes lideranças empresariais de nossos países.

Este encontro confirmou o que já sabemos: há um imenso potencial a ser explorado no comércio, nos negócios e nos investimentos entre o Brasil e a Coréia do Sul.

Nossos países, apesar da distância geográfica e das diferenças culturais, têm muito em comum. Somos países de industrialização tardia, mas acelerada, animados por um grande espírito empreendedor. Temos o mesmo desafio de garantir espaço privilegiado na economia globalizada e de forjar um crescimento sustentado em benefício de nossos povos.

Nossos povos venceram o autoritarismo. Construimos instituições democráticas sólidas. Dispomos de economias diversificadas e de um ambiente seguro para os negócios. Temos um significativo patrimônio já conquistado em nossas relações econômicas e comerciais. Estamos trabalhando para ampliá-las e dar nova dimensão à nossa parceria.

Saúdo o entusiasmo dos empresários brasileiros que me acompanham nesta visita. Conto com sua sensibilidade e dinamismo para que mostrem todo o potencial econômico do Brasil. Queremos também ouvir os empresários sul-coreanos. O conhecimento mútuo é a melhor ferramenta para o aproveitamento das oportunidades de negócio e de cooperação.

Senhoras e senhores empresários,

A economia brasileira vive um momento especial. Lançamos as bases



para um longo ciclo de crescimento. Os indicadores são os melhores dos últimos dez anos. Realizamos profundas reformas nas áreas fiscal e previdenciária. Sedimentamos a estabilidade macroeconômica e ingressamos em um processo de desenvolvimento duradouro, com a inflação sob controle e uma base sólida para os investimentos.

As medidas tomadas ao longo dos dois primeiros anos de meu mandato exigiram sacrifícios de todos os segmentos da população. Agora, estamos colhendo os frutos de nossa força de vontade. No ano passado, a economia brasileira cresceu 5,2%. Estamos trabalhando para manter este ritmo nos próximos anos. Controlamos a dívida interna e reduzimos a dívida externa.

Desde 2003, criamos mais de dois milhões e setecentos mil novos empregos, o maior número em mais de uma década. O comércio exterior brasileiro também apresenta resultados animadores. Nossas exportações, nos últimos dois anos, cresceram 75%, atingindo 105 bilhões de dólares em 12 meses. O grau de abertura da economia brasileira é hoje superior a 30%. A relação *dívida externa – exportações* é a melhor dos últimos vinte anos. É o resultado de uma ofensiva na ampliação e diversificação da pauta de produtos e na busca de novos mercados. Tudo isso demonstra que é possível alcançar crescimento econômico sustentado sem prejuízo da estabilidade monetária e da responsabilidade fiscal.

Tampouco descuidamos do resgate de nossa enorme dívida social. Ademais da criação de empregos, os projetos e programas sociais do governo, como o Bolsa Família e o Fome Zero, contribuirão para diminuir os índices de pobreza, melhorando a distribuição de renda e a coesão de nossa sociedade. A paz e a harmonia sociais também melhoram o clima para os negócios.

Meus amigos e minhas amigas,

A Coréia já é o terceiro maior parceiro do Brasil na Ásia. Em 2004, nosso comércio ultrapassou os 3 bilhões de dólares. Os investimentos coreanos vêm ajudando a fortalecer setores importantes do parque industrial no Brasil, como



o automotivo, o eletrônico, a construção, as telecomunicações e o transporte.

Estamos levando essa parceira para novas fronteiras. Empresas brasileiras e coreanas estão desenvolvendo associações estratégicas nos campos da energia e da mineração. O tamanho e o peso da comitiva empresarial presente neste seminário atestam a decisão de dar um sentido renovado a essa parceria. Todos queremos, governos e empresários, identificar novas frentes de cooperação e novas oportunidades para o comércio e os investimentos. Nesse esforço, contamos com o apoio das agências de promoção de exportações, a nossa Apex e a Kotra, da Coréia.

Temos todas as condições para dinamizar e diversificar o comércio bilateral. Sessenta por cento das exportações brasileiras para a Coréia são de produtos semimanufaturados, minérios e soja. Temos uma ampla gama de produtos com maior valor agregado, de aviões ao software, já exportados com sucesso para outros mercados, mas ainda ausentes aqui. É também o caso das carnes de frango e bovina, dos couros e peles, de produtos alimentares, dos cereais, das frutas frescas, das jóias e bijuterias, das pedras preciosas e semipreciosas, dos móveis e insumos de aço.

A Coréia, por sua vez, é uma potência mundial na produção de navios e componentes eletrônicos.

São inúmeras as oportunidades de cooperação no setor automotivo, de combustíveis renováveis e de mineração. Um projeto, em especial, ilustra todo esse potencial de nossas relações. É o caso do etanol como aditivo à gasolina. Juntamente com o biodiesel, o etanol permitirá à Coréia diversificar sua matriz energética e, ao mesmo tempo, reduzir as emissões de gases, no espírito do Protocolo de Quioto.

O Brasil representa, seguramente, uma enorme oportunidade de investimento para os capitais coreanos. Penso, por exemplo, nos setores da mineração e das grandes obras de infra-estrutura, fundamentais para eliminar os gargalos que ainda tem em energia e transporte.



A interação física da América do Sul, na qual meu governo está profundamente engajado, também gera condições propícias a parcerias mutuamente vantajosas. Contamos com o apoio do Banco Coreano de Desenvolvimento para viabilizar o financiamento de alguns desses projetos. As Parcerias Público-Privadas, as PPP's, representam alternativa inovadora para atrair capital privado nacional e estrangeiro.

Convidamos empreendedores coreanos a realizar investimentos diretos no Brasil, inclusive mediante *joint-ventures*, e também os empresários brasileiros a investirem na Coréia.

A "Parceria Especial para o Século XXI" que estamos lançando unirá nossos esforços e recursos para pesquisa e desenvolvimento em áreas estratégicas como a aeroespacial, a biotecnologia, a eletroeletrônica e as tecnologias limpas.

A cooperação científica e tecnológica pode e deve ser o prelúdio para a cooperação industrial. A criação de empregos e a capacitação de mão-de-obra são indispensáveis à construção de uma sociedade mais justa e solidária que almejamos. Por isso, queremos explorar, juntos, setores como o do turismo, cujo crescimento exponencial tem atraído vultosos investimentos.

Senhores e senhoras empresários,

Coréia e Brasil têm as credenciais e a competência para ocupar um espaço cada vez maior de destaque na economia mundial, sobretudo, se souberem somar juntos seus esforços.

Os empresários são peça central dessa empreitada. Estejam certos de que os governos da Coréia e do Brasil serão aliados de primeira hora daqueles que tiverem a ousadia de apostar na construção deste projeto comum.

Obs: Os agradecimentos finais não foram inseridos no discurso por problemas na recepção do áudio.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no VI
Fórum Global sobre Reinvenção do Governo**

Seul-Coréia, 24 de maio de 2005

Excelentíssimo senhor Roh Moo-hyun, presidente da República da
Coréia,

Excelentíssimo senhor Lee Hae-Chan, primeiro-ministro da República da
Coréia,

Senhores chefes de Estado,

Senhores vice-presidentes,

Senhores chefes de governo,

Senhor Subsecretário das Nações Unidas,

Senhoras e senhores participantes do VI Fórum Global sobre
Reinvenção do Governo,

Meus senhores e minhas senhoras,

Minhas primeiras palavras são de agradecimento pela acolhida que tem
sido dispensada a mim e à minha comitiva nesta primeira viagem que faço à
Coréia.

O tema deste seminário, *Uma governança transparente e democrática*,
está no centro das preocupações do mundo de hoje. Tem significado particular
para países como a Coréia e o Brasil.

Nossos países enfrentam o desafio do crescimento econômico
acelerado, combinado com a conquista da justiça social e com uma presença
soberana no mundo.

A democracia é, para nós, um valor fundamental. Muitos dos nossos



países sofreram, no passado, privação de liberdades públicas. Por essa razão, sabemos valorizá-las. A democracia não é apenas um modelo de governo ou um fim a ser alcançado. É também um processo, um caminho que nos leva, sem hesitações ou esmorecimento, a uma sociedade cada vez mais livre e participativa.

Entretanto, constatamos em certos setores de nossos países, alguma dose de ceticismo em relação ao regime democrático. Essa descrença, que felizmente não é ampla nem profunda é, freqüentemente, reflexo direto da pobreza e do estado de exclusão social.

Não é fácil celebrar a democracia quando se tem fome, quando se está desempregado ou privado de direitos elementares como os do acesso à educação, saúde, habitação, cultura e saneamento básico.

Por outro lado sabemos, não só por teoria, mas por experiência vivida, que sem democracia não superaremos esses males.

Enganam-se os que pensam que democracia é um mero conjunto de regras que encobre a desigualdade e a opressão. Ao contrário, a democracia tem de ser constantemente aprimorada e aprofundada. As liberdades civis precisam ser respeitadas e ampliadas. O Estado democrático de direito necessita ser fortalecido. A independência e a harmonia dos poderes e uma imprensa livre são elementos essenciais do Estado de Direito.

Mas, no mundo moderno, é necessário complementá-los com mecanismos que assegurem a transparência a todas as ações do governo, nos diversos níveis. A busca incessante de democracia, no plano político, deve ser acompanhada da melhoria das condições de vida dos expressivos segmentos da população que vivem marginalizados em muitas partes do mundo.

O Brasil, como tantos outros países em desenvolvimento, viveu duas décadas de baixo crescimento. O desafio que enfrentamos é o de retomar o crescimento acelerado sem crises fiscais ou monetárias, que causam endividamento excessivo do Estado ou aumentam a sua vulnerabilidade



externa.

É fundamental criar condições para um longo período de desenvolvimento sustentável, que aumente a renda e reduza as desigualdades.

A boa política econômica, essencial para uma boa governança, tem de combinar a racionalidade das soluções técnicas com a compreensão das demandas sociais legítimas.

O bom governante articula razão e paixão. Entende que deve ajustar instrumentos sem abandonar compromissos e convicções. Entende que é preciso crescer com estabilidade e distribuição de renda. Crescer, criando sempre condições de financiamento desse crescimento. Crescer, abrindo-se para o mundo e preservando a capacidade de condução autônoma da economia. Aqui estão alguns dos desafios que devemos enfrentar em países de industrialização tardia e grandes carências sociais.

A democracia é, portanto, fundamental para superar esses desafios. A democracia pressupõe regras claras para as relações no seio da sociedade civil e desta com o Estado. Pressupõe também, a participação da sociedade nas grandes decisões nacionais.

Uma cidadania ativa e participante é a melhor maneira de garantir a transparência do Estado, de combater a corrupção, de assegurar o bom uso dos recursos públicos.

Amigas e amigos,

Temos que ampliar o leque de nossas ações econômicas, com criatividade e sensibilidade social. Adotar medidas que estimulem a economia popular e que sejam capazes de dar novo alento ao sistema produtivo.

Por isso, no Brasil, ao lado de uma agricultura empresarial altamente competitiva, estamos valorizando a agricultura familiar como importante fator de inclusão social. Programas como os do microcrédito contribuem para o fortalecimento de uma mentalidade empreendedora. Já o crédito com desconto na folha de pagamento, estendido a trabalhadores e aposentados, representa



considerável alívio para milhões de famílias que viviam marginalizadas do mercado de consumo. Ao lado disso, colocam-se os programas sociais, como o Fome Zero, que hoje já beneficiam quase oito milhões de famílias. Além de atender setores que vivem em situação de exclusão social, esses programas de transferência de renda têm considerável impacto nas economias das comunidades locais. Todas essas iniciativas e ações contribuem, também, para dinamizar o mercado de bens de consumo popular.

A boa governança implica também uma boa administração de nossos recursos naturais e do meio ambiente. No Brasil, enfrentamos o desafio de pôr fim a práticas predatórias, responsáveis por verdadeiros desastres ambientais no passado e que ainda hoje nos afetam. O meu governo tomou medidas e adotou projetos que terão o efeito de coibir essas ações criminosas, ao mesmo tempo em que estimulam o manejo sustentável das florestas. Estou seguro de que em prazo curto colheremos os resultados positivos dessas ações.

Meus amigos e minhas amigas,

Nas três últimas décadas, o mundo passou por muitas e profundas transformações tanto econômicas como políticas. Paralelamente ao extraordinário incremento do comércio, ocorreu forte internacionalização dos fluxos financeiros. Novos centros produtivos surgiram ou se desenvolveram a partir de inovações científicas e tecnológicas.

A globalização tornou os Estados nacionais mais interdependentes. Isso trouxe benefícios e oportunidades, difundindo tecnologia e conhecimentos, mas não foi capaz de diminuir as imensas desigualdades dentro dos países e entre os países. Os países em desenvolvimento tornaram-se mais vulneráveis a choques econômicos externos e a ataques especulativos, com impacto sobre a sua própria governabilidade.

Neste contexto complexo, a política externa de nossos países passa a ter importância crescente. Ela é um instrumento decisivo de nossa projeção no mundo e de defesa de nossos interesses nacionais. A defesa desses



interesses nacionais será mais efetiva na medida em que formos capazes de construir sólidas alianças regionais. Foi o que fizemos ao impulsionar o Mercosul e ao lançar as bases da Comunidade Sul-Americana de Nações.

Reforçamos, também, nossos laços com a África, com o mundo árabe e com a Ásia. Hoje, as nossas exportações para os países do Sul já representam metade do total de nossas vendas para o mundo.

Quando falo de uma nova geografia comercial e econômica não estou aludindo a uma abstração. Trata-se de oportunidades concretas que não havíamos explorado e que não são concorrentes com as excelentes relações que queremos manter e aprofundar com as nações desenvolvidas.

Tratamos, também, de assegurar que o comércio internacional seja um instrumento efetivo de crescimento para os países pobres. Para isso, nos unimos com outros países em desenvolvimento, formamos o G-20, e estamos lutando na Rodada de Doha pela eliminação dos escandalosos subsídios agrícolas, que distorcem o comércio e privam nossos produtos de um acesso justo ao mercado internacional.

A construção de uma nova relação de forças mundial, inspirada nos princípios do multilateralismo, não se esgota no plano econômico. Ela se estende aos planos político e social. Por isso, apoiamos o Secretário-Geral da ONU em seus esforços por reformas nas Nações Unidas. Por isso também lancei, juntamente com outros líderes, uma campanha mundial de combate à fome e a pobreza, que deverá valer-se, inclusive, de mecanismos inovadores de financiamento no espírito das Metas do Milênio.

Vivemos em um mundo marcado por profundas assimetrias. Um mundo ameaçado por armas de destruição em massa, pelo terrorismo mas, sobretudo, por profundas desigualdades econômicas e sociais que alimentam ódios e paixões fundamentalistas. O narcotráfico, crimes transnacionais e a corrupção exigem um combate internacional articulado. Nesse espírito, o Brasil sediará proximamente o IV Foro Global de Combate à Corrupção.



Não haverá governabilidade em nossos países se não formos capazes de instaurar uma nova governabilidade internacional. Por essa razão, é importante que organismos financeiros multilaterais revejam concepções e práticas arcaicas que tiveram graves conseqüências para os países em desenvolvimento.

Se é verdade que o mundo mudou nesses últimos sessenta anos, é razoável propor que mudem as instituições que, de alguma maneira, asseguram a governança mundial. É o caso do Conselho de Segurança das Nações Unidas, cuja legitimidade e eficácia só serão completas quando os países em desenvolvimento estiverem devidamente representados, sobretudo entre os membros permanentes.

Quando aprofundamos a democracia em todas as suas dimensões, em cada um de nossos países, estamos dando uma grande contribuição para a democratização do mundo como um todo.

Ao mesmo tempo, a democratização das relações internacionais é fator fundamental para a democratização de nossos países.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço oferecido pela Câmara de Comércio e Indústria, Federação das Indústrias Coreanas, Associação de Comércio Internacional da Coréia e Federação das Pequenas e Médias Empresas

Seul-Coréia, 25 de maio de 2005

Obs: As palavras iniciais não foram inseridas no discurso por problemas na recepção do áudio

...que saio da Coréia muito mais otimista do que cheguei à Coréia.

Eu acredito que os encontros bilaterais entre os meus ministros e os ministros da Coréia do Sul foram extremamente positivos, e alguns encontros ainda acontecerão no dia de hoje. O encontro empresarial que aconteceu ontem à tarde foi extremamente positivo. Foram seis ou sete acordos assinados entre grupos empresariais brasileiros e grupos empresariais coreanos.

A conversa que tivemos hoje com o presidente Moo demonstra claramente que Coréia e Brasil vivem um novo período nas suas relações. Acho que o governo da Coréia e o governo brasileiro estão convencidos de que a distância geográfica entre os dois países não pode significar distanciamento político, econômico e comercial.

No Brasil, nós estamos construindo uma política econômica sólida, uma política econômica que faça com que o Brasil tenha um crescimento sustentado, um crescimento duradouro e que tenhamos a capacidade de combinar o controle das nossas contas públicas com uma grande capacidade de investimento na construção de parcerias, para que o Brasil se transforme, definitivamente, num país desenvolvido.

O Brasil quer construir parcerias fortes com a Coréia. Os nossos empresários querem construir parcerias fortes com os empresários da Coréia.



O Brasil pode melhorar, e muito, a qualidade dos produtos exportados para a Coréia. Muita gente pensa que o Brasil é apenas um exportador de produtos *in natura*, e o Brasil, com as suas indústrias de ponta, pode exportar não apenas produtos *in natura*, mas tecnologia com muito valor agregado.

Todo mundo sabe que o Brasil é o maior exportador de carne do mundo, todo mundo sabe que o Brasil é um dos maiores exportadores de minério do mundo, todo mundo sabe que o Brasil é o maior exportador de café e de suco de laranja do mundo. O que as pessoas não sabem é que o Brasil tem uma indústria aeronáutica para a produção de aviões regionais, que compete com qualquer empresa de aviação do mundo.

Esta minha passagem pela Coréia permitiu que nós pudéssemos estreitar os laços de amizade, permitiu que conhecêssemos mais profundamente a criatividade dos empresários e do povo coreano. As empresas coreanas que estão no Brasil conhecem a criatividade do povo brasileiro, a competência do trabalhador brasileiro e a solidez da economia brasileira.

Neste mundo globalizado, nós não temos o direito de ficar esperando que as pessoas nos visitem. Neste mundo globalizado, a competitividade é cada vez maior e mais forte. Isso aumenta a construção de parcerias, como a que estamos construindo com a Coréia. Isso é que poderá permitir que tenhamos economias mais fortes, mais sólidas e mais competitivas. Eu dizia ao presidente Moo, ao terminar a nossa reunião: é impensável que a relação comercial entre Brasil e Coréia seja tão pequena, e o que nós estamos construindo hoje, possivelmente só daqui a dez anos teremos a exata dimensão do que fomos capazes de produzir.

Quero terminar comunicando às associações empresariais que estão presentes aqui, aos empresários brasileiros e coreanos, que decidimos que o Banco de Desenvolvimento da Coréia vai criar a sua agência no Brasil para que possa facilitar o entrosamento e os investimentos da própria Coréia no Brasil.

Muito obrigado e bom almoço.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com representantes da comunidade brasileira

Nagóia-Japão, 28 de maio de 2005

Primeiro, dizer a todos vocês da alegria de estar aqui em Nagóia e poder passar alguns minutos junto com tantos brasileiros e brasileiras que estão aqui batalhando para construir uma vida melhor.

Segundo, dizer para vocês que nós estamos com uma delegação grande. Nós viemos, do Brasil, para esta viagem – dois dias e meio na Coréia e dois dias e meio no Japão – com vários ministros. Alguns já foram para outros países: o ministro Celso Amorim foi para Israel; o ministro Furlan ia para a França e para o Canadá; o ministro Roberto Rodrigues, da Agricultura, ficou aqui no Japão para tratar de acordos. Mas nós estamos aqui com o ministro Palocci, nosso ministro da Fazenda; estamos aqui com a ministra Dilma... Levanta, Palocci. Estamos aqui com a nossa ministra Dilma Rousseff, que é a ministra de Minas e Energia; estamos aqui com o nosso ministro Walfrido dos Mares Guia, que é ministro do Turismo; estamos aqui com o governador do Rio Grande do Sul, que é o governador Germano Rigotto; estamos aqui com o governador do estado do Ceará, Lúcio Alcântara; bem, estamos aqui com o deputado Takayama, do Paraná – levantem-se os deputados –; o embaixador do Japão no Brasil e o embaixador do Brasil no Japão.

Bem, nós, com esta visita que fizemos ao Japão, demos um passo muito importante para que as relações Brasil-Japão sejam alavancadas e a gente possa construir uma relação infinitamente mais forte com o Japão.

Essa relação a ser construída, mais forte do que hoje, ela passa por uma grande relação política, cultural e comercial, e ela passa por discutir com o governo japonês e discutir com o primeiro-ministro, discutir com a Câmara Japão-Brasil, discutir com a Câmara de Deputados, com os brasileiros que



estão aqui e os deputados japoneses, para que a gente consiga fazer com que o povo brasileiro que está aqui tenha o mesmo tratamento que os japoneses têm no Brasil, e já estão lá há muito e muito tempo.

Lógico que esse é um processo que demanda acordos políticos. O Ministério da Educação vai ter que vir muitas vezes ao Japão, o Ministro da Educação do Japão vai ter que ir muitas vezes ao Brasil, passa pelo fato de o Ministro da Saúde do Brasil vir aqui e o Ministro da Saúde do Japão ir ao Brasil, os técnicos visitarem, conhecerem a realidade, para que a gente vá construindo a possibilidade de os brasileiros que estão no Japão terem cidadania total como tem os japoneses que estão no Brasil. Esse é um desejo, esse é um compromisso do governo, de trabalhar – o governo do Brasil e o governo do Japão – para que a gente possa atingir essa plenitude de tratamento entre os dois povos.

Vocês sabem que, em 2008, completa 100 anos da imigração japonesa para o Brasil. Aliás, está aqui a nossa querida Tizuka Yamasaki, que acaba de lançar o Gaijin II. É a saga do povo japonês no começo do século passado, mas também termina com a saga do povo brasileiro, já aqui no Japão. É um filme belíssimo, deve estar nos cinemas aqui de Nagóia. Quem quiser ir assistir, vá, leve um lenço porque certamente vai chorar no cinema. Mas compensa ir ver.

Eu queria só dizer para vocês o seguinte: nós tivemos reuniões com as comissões que o nosso Consulado, que o nosso cônsul nos apresentou; nós temos uma demanda dos problemas que vocês estão passando aqui. Essa demanda, eu vou levar para o Brasil e os ministros de cada área, junto com o Embaixador do Japão no Brasil, o Embaixador brasileiro no Japão, o nosso cônsul, e com os ministros do Japão, nós vamos tratar de encaminhar soluções para todos esses problemas que hoje ainda perturbam a vida do povo brasileiro, sobretudo na questão da educação e na questão da saúde.

A questão da saúde não é um problema do Japão, é um problema do mundo. Dificilmente um país aceita que médico de outro país faça atendimento naquele país. No Brasil, hoje, nós temos problemas com os jovens que se



formaram em Cuba: voltaram para o Brasil e não podem exercer a profissão de médico. Nós temos problemas de médicos italianos que vão para o Brasil para trabalhar de graça e não podem exercer a profissão. Então, esse é um problema delicado, que passa por um profundo acordo entre os governos mas, sobretudo, entre as entidades que representam os médicos no Japão e no Brasil. O ideal é que a gente possa criar condições de ter médicos brasileiros aqui, atendendo à comunidade brasileira em todo o Japão, esse é o ideal. Vamos ver que tipo de convênio podemos fazer, porque o primeiro-ministro Koizume demonstrou total boa vontade. Quem participou da reunião ficou encantado com a disposição do Primeiro-Ministro japonês de levar a fundo esse entrosamento entre o Brasil e o Japão de forma mais forte, de forma mais positiva e de forma mais produtiva.

Vocês receberam aqui em Nagóia, um mês atrás, o Presidente do Sebrae que, num acordo com o Banco Interamericano, vão investir 3 milhões de dólares num programa para dar formação de empreendedorismo aos brasileiros que estão aqui no Japão, para tentar dar a eles um mínimo de iniciação de empreendedor para que eles possam cuidar melhor das coisas que estão fazendo aqui ou para que eles possam se preparar melhor, quando quiserem voltar ao Brasil. Isso, o Consulado já está informado, o projeto já está pronto e nós vamos começar a preparar os brasileiros para que eles possam estar melhor preparados para o retorno à sua terra natal ou para, até, continuar trabalhando aqui no Japão.

Por último, dizer para vocês que o meu desejo mesmo é que um dia todos vocês possam regressar ao Brasil com possibilidade de ter emprego, com possibilidade de levar a vida de vocês com a dignidade que todos nós precisamos levar. Eu sei que a maioria que sai do Brasil, sai para trabalhar, sai em busca de oportunidades, sai na tentativa de construir, fora do Brasil, aquilo que não pôde construir no Brasil. Sei das dificuldades dos nossos adolescentes que estão aqui, que não terminaram o ensino... o segundo grau no Brasil, que não falam japonês e que têm dificuldade de entrar numa escola particular porque não podem pagar. Nós vamos ter que encontrar uma solução porque



não nos interessa que nenhum jovem brasileiro fique fora da escola porque não tem condições de pagar essa escola.

Nós vamos tentar encontrar um jeito de fazer um convênio com o governo do Japão para ver o que cada país pode fazer para dar um atendimento a esses adolescentes, e também cuidar para que as nossas crianças, que estão aqui, tenham a melhor formação possível. Mesmo aquelas que não podem estudar nas escolas particulares, nós vamos ter que cuidar para que aquelas crianças tenham qualidade de educação, e eu acho que isso nós vamos avançar a partir desta visita que fizemos ao Japão.

Quero dizer a vocês que regresso ao Brasil convencido de que a relação do Brasil com o Japão e do Japão com o Brasil vai melhorar substancialmente, vai melhorar do ponto de vista do comércio – acho que o Brasil vai comprar mais e vai vender mais –, vai melhorar do ponto de vista do turismo. Eu acho que os japoneses... vocês vejam aqui os japoneses cantando música nordestina, os japoneses cantando “Luar do Sertão”. Ora, se com tanta facilidade eles aprenderam a cantar essas duas músicas que são dois símbolos brasileiros, muito mais fácil será para eles quando estiverem no Brasil, na rota do turismo para o Japão, para que possam conhecer as belezas que o Brasil pode oferecer aos turistas japoneses.

Um povo japonês que aprende capoeira e que aprende a cantar com a facilidade que já cantaram aqui, tem muito a ver na sua relação com o povo brasileiro. O que fica demonstrado, com este show aqui, é que quando há disposição e vontade, não tem idioma, não tem cultura que não permita que a gente não aprenda as coisas do país em que a gente está vivendo.

O Japão não é um país estranho, o Japão está dentro do Brasil há 100 anos, a nossa relação já existe há 100 anos, e eu acho que a partir de agora ela vai melhorar substancialmente para o benefício dos brasileiros aqui e para o benefício dos japoneses lá no Brasil.

Quero me despedir de vocês dizendo, do fundo do coração, que volto para o Brasil alegre porque eu não poderia vir a Tóquio e de Tóquio, ir embora sem passar em Nagóia para apertar a mão, se não de todo mundo, mas de um



conjunto muito grande de pessoas aqui. E é importante que eu esteja com deputados, com ministros, com governadores, para que eles percebam que vocês, mesmo aqueles que estão fazendo mais sacrifício, são vencedores: vieram para cá, não abaixaram a cabeça, levantaram a cabeça e estão trabalhando como sempre trabalharam no Brasil, e se Deus quiser, daqui construirão a possibilidade de ter um retorno que lhes permita uma vida muito melhor.

Eu quero, do fundo do coração, dar um beijo em cada criança, em cada mulher, em cada homem, e dizer que se eu pudesse transmitir daqui, eu transmitiria um abraço e um beijo para os familiares de vocês que estão no Brasil.

Muito obrigado, que Deus abençoe vocês, boa sorte, e nós vamos fazer a nossa parte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do jantar oferecido pelo Presidente da Coreia, Roh Moo-Hyun
Seul-Coreia, 25 de maio de 2005**

Minha vinda à República da Coreia completa um ciclo iniciado com a visita do presidente Roh ao Brasil, no ano passado.

Vim aqui reafirmar os compromissos que enunciamos em Brasília. Mas vim também, colher os primeiros frutos da nova parceria que lançamos ao estabelecer uma Relação Abrangente de Cooperação para a Prosperidade Comum no Século XXI.

Apesar da distância, o Brasil e a República da Coreia têm fortes complementaridades e afinidades. Enfrentamos o comum desafio de forjar um futuro de segurança e prosperidade para nossos povos em meio às incertezas de uma globalização sem regras justas e sem solidariedade. A Coreia e o Brasil vêm respondendo positivamente a esses desafios.

Aprendemos, no Brasil, a respeitar a determinação e a disciplina que guiaram seu país na busca da prosperidade e do bem-estar social, que fez a indústria coreana ser internacionalmente reconhecida por sua excelência tecnológica.

Admiramos, em particular, uma política de universalização da educação e dos serviços básicos de saúde que permitiu à Coreia desbravar caminho autônomo em direção ao desenvolvimento. A escrita coreana criada no século XV, bem ilustra a inventividade e poder de adaptação desta nação.

Pela sua precisão e poder expressivo, essa escrita tornou-se a grande guardiã da integridade cultural coreana diante de sucessivas invasões por poderosos vizinhos. Pela sua simplicidade, favoreceu os esforços de alfabetização maciça da população.



Essas mesmas características ajudam a Coréia a ser, hoje, um dos países mais adiantados em matéria de inclusão digital. Como no passado, a Coréia continua a preservar sua personalidade, sem abdicar de uma integração dinâmica na economia mundial.

O Brasil tem procurado traçar para si mesmo uma trajetória semelhante. Avançamos muito nos planos político e na macroeconomia, temos um longo caminho a percorrer, no entanto, nos planos tecnológico e social.

Senhor Presidente,

Nossos países dispõem de sólidas instituições democráticas e economias estáveis e diversificadas. Estamos empenhados em promover a transparência administrativa, reforçar o papel da iniciativa privada, promover a inclusão social e dinamizar os investimentos em pesquisa e desenvolvimento.

A história de lutas que o presidente Roh e eu compartilhamos nos ensinou que só alcançaremos esses objetivos se houver ampla consulta e coordenação com todos os segmentos sociais.

Nossos povos sofreram as conseqüências do autoritarismo, conheceram a privação das liberdades cívicas e a ausência de diálogo. Ao tomar posse, Vossa Excelência afirmou que estava inaugurando um governo participativo. É o mesmo nome que damos às práticas inovadoras que meu governo vem introduzindo no Brasil para a formulação e execução de políticas públicas. As economias do Brasil e da Coréia são dinâmicas, pujantes e em acelerado processo de modernização.

Superamos as crises do mercado financeiro internacional dos anos 90 e estamos empenhados em aumentar nossa presença nos fluxos de comércio internacional.

Os acordos que concretizamos asseguram que nossas trocas logo superarão o atual nível de 3 bilhões de dólares, o que já faz da Coréia o terceiro maior parceiro do Brasil na região.

As fortes complementaridades entre nossas economias abrem



promissoras avenidas de cooperação. Empresas coreanas estão presentes em vários setores da economia brasileira como o automotivo, o eletrônico, da construção, de telecomunicações e de transportes.

A expressiva comitiva empresarial que me acompanha nesta visita veio propor novas parcerias nessas e em outras áreas estratégicas. O seminário empresarial, de que tive a honra de participar, confirmou que são muitas as oportunidades para nossos homens de negócios. A “Parceria Especial para o Século XXI” desenha o futuro que vislumbramos para nossa colaboração.

Estamos trabalhando juntos em tecnologia aeroespacial, eletroeletrônica, metalurgia, tecnologias limpas e projetos de infra-estrutura.

A criação de um Centro de Tecnologia da Informação, a ser instalado no Brasil, é uma aposta em nossa capacidade de gerar um pólo autônomo de desenvolvimento científico. Outra área de cooperação especialmente promissora é a do uso do etanol como aditivo à gasolina. Juntamente com o biodiesel, abre à Coréia, como ao Brasil, a perspectiva de desenvolvimento com base em uma matriz energética limpa e diversificada.

Senhor Presidente,

O conjunto de instrumentos que assinamos ajuda a dar forma concreta a nossas aspirações. Isso nos faz confiar que a ambiciosa agenda que traçamos será plenamente concretizada.

O bem-estar e segurança que almejamos para nossos cidadãos só estarão garantidos se caminharmos para um mundo menos marcado por turbulências políticas, pela ameaça do armamentismo e por uma globalização que acirra as desigualdades.

Por essa razão, defendemos o respeito estrito ao direito internacional, única garantia de um sistema multilateral mais justo e pacífico. O papel decisivo das Nações Unidas nesse esforço torna inadiável que o Conselho de Segurança se democratize e recupere sua legitimidade.

A atenção da comunidade internacional está voltada para a Península



Coreana. O Brasil solidariza-se com o empenho do governo do presidente Roh para reduzir as tensões na região. Compartilhamos a convicção de que será por meio do diálogo e do engajamento construtivo que se alcançará a reconciliação definitiva do povo coreano.

Em nossa região, por meio da integração, o Brasil e seus vizinhos sul-americanos estão buscando respostas democráticas e solidárias para o desafio do desenvolvimento sustentável. Foi com esta convicção que meu governo patrocinou no início deste mês, em Brasília, a Primeira Cúpula América do Sul – Países Árabes. Estamos construindo consensos, baseados no conhecimento mútuo e na tolerância. São essas nossas armas na construção de um mundo de paz, segurança e prosperidade.

Com essa mesma motivação, Brasil e Coréia estão colaborando, na qualidade de Coordenadores Regionais do Foro de Cooperação América Latina – Ásia do Leste. Uma aproximação baseada nos princípios da gradualidade e do interesse mútuo entre a Coréia e o Mercosul, atualmente objeto de estudos preliminares, poderá ser igualmente benéfica.

Todas essas iniciativas e projetos serão beneficiados pela criação, durante esta visita, do Fórum Brasil-Coréia, com o objetivo de formular ações estratégicas de longo prazo para o relacionamento entre nossos países.

Senhor Presidente,

Minha visita reforçou a admiração que sempre cultivei pelo seu país: uma nação orgulhosa de seu passado e confiante na construção de seu futuro.

A Coréia descobrirá no Brasil uma nação determinada a realizar seu destino e a aprofundar o imenso potencial de cooperação entre nossos países.

É com esse espírito que convido os presentes a juntarem-se em um brinde à amizade entre os povos do Brasil e da República da Coréia e à felicidade pessoal de Vossa Excelência.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Parlamento.

Tóquio-Japão, 26 de maio de 2005

É uma honra muito especial poder me dirigir aos representantes eleitos do povo japonês. Desta Casa emanaram decisões que construíram a sólida democracia e vibrante sociedade que é o Japão de hoje.

Como ex-deputado, sinto-me, aqui, entre companheiros.

Minha experiência parlamentar ensinou-me o papel decisivo do Poder Legislativo na concretização de nossas aspirações e sonhos. Aprendi que é no contato pessoal, na conversa franca, olhando olho no olho, que temos condições de superar diferenças e preconceitos.

Aqui, no Parlamento, construímos consensos, damos forma e expressão à vontade coletiva.

Foi a confiança na capacidade das instituições democráticas de canalizar demandas da sociedade que me levou, quando ainda era um dirigente sindical, a fundar o Partido dos Trabalhadores.

Senhoras e senhores parlamentares,

Volto ao Japão após trinta anos. Em 1975, aqui estive a convite dos trabalhadores japoneses. Venho a este Parlamento manifestar a determinação do Brasil de renovar uma parceria que forjamos há quase cem anos, quando os primeiros japoneses chegaram ao Brasil.

Aprendemos a admirar, no povo japonês e nos imigrantes que foram para o Brasil, a perseverança diante da adversidade, a determinação em avançar, o espírito de solidariedade comunitária.



Temos motivos para voltar a crer na promessa que levou os primeiros imigrantes japoneses ao Brasil a bordo do *Kasato Marú*, em 1908.

O nosso otimismo é o mesmo que levou os investimentos do Japão no Brasil, desde a década de 60, a se confundirem com a própria história de modernização e industrialização do país. Hoje, o Brasil colhe os frutos dessa cooperação.

Minha visita coincide com uma forte retomada do dinamismo econômico em nossos dois países. A determinação japonesa, que superou a crise dos anos 90, é a mesma que reergueu uma nação devastada pela guerra e que produziu o extraordinário desenvolvimento tecnológico que fez do Japão a segunda potência econômica mundial.

O Brasil também está voltando a crescer. Estamos reencontrando o caminho do desenvolvimento, de forma sustentável e com justiça social.

O programa Fome Zero hoje já beneficia quase oito milhões de famílias. Criamos quase três milhões de novos empregos formais desde o início de meu governo. Estamos colhendo os frutos de uma política econômica consistente e responsável.

Queremos criar bases sólidas de um crescimento sustentável para os próximos vinte anos. Saneamos as contas públicas; aprimoramos o marco regulatório; aumentamos extraordinariamente as nossas exportações; reduzimos a vulnerabilidade externa; estamos superando as históricas desigualdades sociais que ainda retardam nosso avanço.

No caso do Brasil, como no do Japão, as transformações estruturais corajosamente aprovadas pelos Parlamentos de nossos países foram determinantes para esses avanços. Apenas reformas emanadas em um ambiente democrático, de livre discussão, são verdadeira-mente duradouras. Os Parlamentos têm papel fundamental e insubstituível nessa procura pelo atendimento dos anseios populares.

A presença do ex-primeiro ministro Ryutaro Hashimoto à frente da Liga



Parlamentar de Amizade Nipo-Brasileira é uma garantia de que saberemos também transformar nossa agenda bilateral.

Quero prestar uma homenagem ao presidente da seção brasileira, deputado Paulo Kobayashi, falecido recentemente. Sentimos sua ausência no momento em que estamos alcançando alguns dos objetivos por que tanto lutou.

Queremos voltar a ser o destino preferencial dos empreendimentos japoneses. Pretendemos que o Brasil volte a ser referência prioritária para os investimentos japoneses.

Nessa nova fase de nossa histórica associação, queremos que o Japão veja o Brasil não apenas como fornecedor de matérias-primas, mas como um produtor eficiente de produtos de valor agregado. Cada vez mais, o Brasil deseja ser um exportador de aviões, software e energia limpa. A soja, que fez do Brasil um grande exportador agrícola, foi primeiro semeada no projeto de irrigação do cerrado com apoio técnico do Japão.

Hoje, desejamos reeditar essa experiência com outro projeto voltado para a exploração das ricas potencialidades da terra brasileira. O emprego do etanol como aditivo à gasolina permitirá ao Japão alcançar a redução de emissão de gases acordada no Protocolo de Kioto e, ao mesmo tempo, diversificar sua matriz energética.

O memorando em matéria de ciência e tecnologia, oferece oportunidade para aprofundarmos nossa cooperação também em outras áreas estratégicas, como a biotecnologia, a biomassa e tecnologias ambientais.

O Conselho Brasil-Japão para o Século XXI, que estamos inaugurando proximamente, oferecerá valiosas recomendações sobre o caminho a seguir nesse e em outros campos de colaboração.

A presença do deputado Kawamura – amigo do Brasil e da comunidade brasileira - na Presidência do lado japonês reforça nossa confiança no muito que poderemos realizar juntos.



Senhores e senhoras,

A parceria entre Brasil e Japão tem uma vocação global.

Apostamos no multilateralismo como a língua do diálogo e da cooperação solidária.

É necessário promover a equidade em um sistema multilateral de comércio profundamente marcado por assimetrias e distorções.

Contamos com o apoio do Japão, no âmbito da Rodada de Doha, para transformar uma ordem econômica muitas vezes adversa às legítimas aspirações dos países em desenvolvimento.

Não queremos esperar décadas para ter outra chance de liberalizar o comércio mundial, incorporando plenamente a agricultura ao sistema multilateral de comércio e promovendo uma globalização mais equitativa.

No âmbito regional, o Mercosul vive um momento de grande dinamismo. Incorporamos três novos Estados associados: Venezuela, Equador e Colômbia, e, um ano antes, o Peru. Chile e Bolívia já eram associados ao Mercosul, que hoje praticamente abarca a totalidade da América do Sul numa ampla área de livre comércio.

Essas ações, juntamente com projetos de integração física, impulsionados pela forte vontade política dos governantes da região é que possibilitaram a criação da Comunidade Sul-americana de Nações. E avançam múltiplas negociações de liberalização comercial com a União Européia, a Índia, a União Aduaneira da África Austral e o Caribe.

Senhoras e Senhores Parlamentares,

Renunciamos à força devastadora das armas de destruição em massa. Nossas constituições rechaçam a lógica insana do terror e da ameaça de aniquilamento mútuo.

Precisamos reequilibrar a agenda internacional, colocando em destaque a relação entre segurança e desenvolvimento e a prioridade que devemos dar à erradicação da pobreza e da fome.



A presença de mais de 50 líderes ao encontro de Nova York, em setembro de 2004, demonstra que o mundo está entendendo a mensagem. São esses os princípios que orientam nossa atuação nas Nações Unidas. Queremos democratizar as Nações Unidas. Isso passa pelo reforço da Assembléia-Geral e do ECOSOC. Passa também por uma reforma do Conselho de Segurança que o torne mais representativo e eficaz.

Todos devem compreender que um Conselho de Segurança que não reflita as atuais realidades e não assegure representação adequada a países em desenvolvimento dentre seus membros permanentes, terá sua legitimidade contestada em detrimento do multilateralismo que queremos reforçar.

É natural que o Brasil e o Japão se apoiem mutuamente nesse processo inadiável de atualização das instituições das Nações Unidas às exigências do mundo contemporâneo.

Saudamos também o empenho do governo do primeiro ministro Koizumi em ajudar a reduzir as tensões na Península Coreana.

Somente por meio do diálogo e do engajamento construtivo se alcançará a reconciliação do povo coreano e a pacificação definitiva da região. O Brasil tem igualmente procurado dar a sua contribuição à paz e à harmonia, especialmente em nossa região.

Nossa atuação pauta-se, como sempre, pelos princípios da auto-determinação e da não-intervenção, bases de um sistema internacional juridicamente sólido.

Mas temos igualmente sabido combinar a adesão a esses princípios a uma atitude de cooperação ativa sempre que solicitados e quando julgamos que podemos desempenhar um papel verdadeiramente útil.

O Brasil e seus vizinhos sul-americanos também apostam em soluções consensuais e democráticas para garantir a integração, estabilidade regional e o diálogo entre diferentes culturas e regiões do mundo.

Foi com essa convicção que realizamos, este mês, em Brasília, a



Primeira Cúpula América do Sul – Países Árabes.

Nesse verdadeiro parlamento internacional, lançamos as bases de uma cooperação efetiva entre países distantes que só se olhavam através da percepção recebida de fora.

São essas nossas armas na construção de um mundo de paz, segurança e prosperidade.

Senhores e senhoras,

Díálogo franco e cooperação solidária são os valores que me trouxeram a Tóquio e que fundam os laços de sangue e de história que unem nossos povos.

Uma união antiga, que remonta à presença, no Brasil, de uma expressiva e laboriosa colônia japonesa – a maior do mundo. Durante minha estada no Japão, estarei visitando a comunidade brasileira em Nagóia.

Quero agradecer à Dieta o apoio que vem prestando para que a comunidade brasileira possa beneficiar-se da mesma oportunidade de integrar-se à sociedade japonesa que os imigrantes japoneses tiveram no Brasil.

As medidas de apoio a esses brasileiros, sobretudo no campo da Educação, Saúde e Previdência Social, lhes permitirão construir um futuro melhor, seja aqui ou no Brasil.

Estou seguro de que essa comunidade está construindo um novo capítulo na história de amizade e solidariedade entre japoneses e brasileiros.

Em 2008, iremos festejar o centenário desse ir e vir incessante de pessoas e de idéias entre nossos países. Vamos lembrar as duas vertentes desse fluxo humano, primeiro do Japão para o Brasil e, depois, do Brasil para o Japão.

Vamos celebrar a saga daqueles que construíram uma ponte de amizade que cruza oceanos, aproxima culturas e atravessa séculos.

Conheço bem o sentimento, ao mesmo tempo de incerteza e de expectativa dessa travessia. Eu mesmo percorri caminho semelhante, ao



deixar, ainda menino, o lar e a vizinhança conhecidos em busca do sonho da prosperidade.

Solidariedade e cooperação na diversidade são os valores que nos uniram no passado. Devem ser os mesmos princípios a nos guiar no momento em que estamos relançando a parceria entre nossos povos.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento da reunião conjunta do Comitê de Cooperação Econômica Brasil-Japão e Seminário Brasil-Japão: Oportunidades de Comércio e Investimento

Tóquio-Japão, 27 de maio de 2005

(Alguns trechos não foram inseridos neste discurso por problemas na recepção do áudio. A íntegra do texto será publicada posteriormente)

... cineasta Tizuka Yamasaki, porque foi lançado hoje, no Japão, o filme sobre a saga dos japoneses no Brasil e dos brasileiros no Japão, chamado Gaijin II.

Eu acho que esse filme vai mexer com a mente e com os corações das pessoas que o assistirem, porque eu tive o prazer de receber um DVD de presente e assisti no avião, vindo do Brasil. É um filme que vai falar à alma das pessoas. Portanto, meus parabéns à nossa querida cineasta Tizuka Yamasaki.

Queria também pedir desculpas a vocês, porque a última vez em que vim ao Japão... faz 30 anos que vim ao Japão como dirigente sindical, a convite dos trabalhadores da Toyota, participar de um congresso. Naquele tempo eu nem tinha assessoria, nem tinha discurso para fazer. Hoje, eu tenho muitos assessores, um discurso enorme, mas, ao mesmo tempo, eu sei que com a quantidade de ministros que fizeram uso da palavra, certamente todos os números que eu citar aqui já foram citados por eles.

Mas eu queria dizer algumas coisas sem precisar falar o que já foi dito. Falaram empresários brasileiros, falaram os empresários japoneses e, sobretudo, os empresários brasileiros que sabem que nesses dois anos e quatro meses de governo eu tenho insistido, às vezes tenho sido duro, mesmo



quando a conversa é fraterna, para que eles não tenham medo de se transformarem em empresários multinacionais, para que eles não tenham medo de crescer e para que eles compreendam que o mundo globalizado, tal como é hoje, não permite que fiquemos nas nossas indústrias, nas nossas cidades, no nosso país, esperando que as pessoas nos procurem para comprar aquilo que nós temos que vender.

É importante cada um fazer como faz um bom turista japonês: coloca a sua sacolinha nas costas, seu chapeuzinho na cabeça, sua máquina fotográfica e vai conhecer o mundo.

Nós precisamos aprender que a arte do crescer é a arte da relação humana, a arte do convencimento das coisas que nós fazemos, a arte da qualidade do que nós produzimos, e isso ninguém fará melhor do que o interessado. Por isso, eu acho extremamente importante o que aconteceu nesses últimos meses, a ida do primeiro-ministro Koizumi ao Brasil e a nossa vinda ao Japão, que como nenhum outro país do mundo soube, depois de ser devastado numa guerra, se recuperar e se transformar na segunda potência econômica do mundo, numa das principais potências em conhecimento científico e tecnológico.

E isso deve servir de lição para nós, Presidente. Para que o Brasil se transforme numa grande nação é preciso pensar grande, é preciso ousar, é preciso olhar para tudo que não fizemos no século passado, ganharmos tempo e fazer agora.

A relação Brasil e Japão, por si só, deveria ser uma relação muito mais ousada. É inadmissível que dois países do tamanho do Japão e do Brasil tenham uma balança comercial de apenas 5 bilhões e 600 milhões de dólares, principalmente quando somos duas nações mais do que irmãs.

Há um século os japoneses adentraram no Brasil e há um século que comemoramos... em 2008, eu dizia ao Imperador que, possivelmente, o Brasil fará a maior festa japonesa fora do Japão para comemorar esse século. Os



japoneses, no Brasil, já fazem parte da nossa vida política, já fazem parte do nosso cotidiano, não têm que pedir licença porque lá no Brasil ajudaram a construir o que nós somos hoje. Trabalharam na agricultura como ninguém, trabalham hoje como ninguém em coisas de muito mais conhecimento como na engenharia, como na medicina, como no ramo da biotecnologia. Participam de prefeituras, de governos estaduais, de governo federal, estão na Câmara de Vereadores, estão nas editoras, estão nas artes, estão na televisão, no teatro, no cinema, ou seja, se não fosse a diferença de biotipo, não haveria nenhuma diferença entre brasileiros e japoneses em nosso país.

E agora, a vinda dos brasileiros ao Japão. Já são quase 300 mil, 280 mil, não está próximo de 1 milhão e 400, que é o que significa a comunidade japonesa no Brasil, e nós temos que trabalhar, governo japonês e governo brasileiro, para que da mesma forma como se sentem em casa os japoneses no Brasil, se sintam em casa os brasileiros que estão no Japão. E que sirva de lição para os empresários brasileiros e japoneses, que sirva de lição para os ministros brasileiros e ministros japoneses e que sirva de lição para os governantes brasileiros e governantes japoneses: se um povo, com tanta facilidade, conseguiu essa interação entre os dois países, se um povo atravessou de navio levando meses e meses para chegar ao Brasil, viajando quilômetros e quilômetros e chegaram e desceram, porque nós que estamos na era da informática, que estamos na era de aeronaves altamente modernas, não podemos fazer muito mais do que nossos antepassados fizeram? Faltava apenas numa coisa: determinação política e definição de prioridades.

Eu acho que ontem, a reunião com o Primeiro-Ministro e hoje, a assinatura desses protocolos, me dão a certeza de que nós vamos recuperar o tempo perdido no aprimoramento e na revitalização das relações do Japão com o Brasil e vamos revitalizar estabelecendo parcerias, vendendo e comprando mas, sobretudo, ajudando a produzir, juntos, empresas brasileiras e empresas japonesas; tentando construir as coisas que podem dar aos nossos países uma



maior certeza de que o século XXI será infinitamente maior do que foi o século o XX. E eu estou convencido de que quando Brasil e Japão se juntam para disputar nas Nações Unidas a ampliação do Conselho de Segurança das Nações Unidas, exigindo participar como membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, nós estamos apenas dizendo que o mundo político e que o mundo geográfico e econômico de 2005 não é mais o mundo de 1945. Houve muitas mudanças, e essas mudanças exigem que a ONU seja democratizada, exigem que países importantes no mundo, como a Alemanha e Japão, que países importantes nos seus continentes, como Índia e Brasil, mais representantes do Continente Africano, estejam participando de forma definitiva como membros permanentes do Conselho de Segurança.

E o Brasil trabalhará com muito fervor, com muito carinho para que não haja preconceito, não apenas contra o Brasil, mas que não haja preconceito contra o Japão, porque o Japão participou de uma guerra. Eu acho que nós precisamos olhar para o futuro. E o futuro é muito mais promissor para todos nós que queremos construir um mundo justo, um mundo sem armas nucleares, um mundo de paz, onde a única guerra a ser vencida é a guerra contra a miséria e contra a pobreza que hoje envolve mais de um milhão de seres humanos.

Quero dizer aos empresários do Japão, dizer ao ministro Nakagawa que o Brasil está pronto, não apenas de braços abertos do ponto de vista político, mas está pronto do ponto de vista do arranjo da sua economia para consolidar essa parceria. Eu disse hoje, pela manhã, e estou vendo alguns empresários aqui, portanto não se incomodem se eu repetir os mesmos argumentos que utilizei pela manhã. Eu perdi três eleições para chegar à Presidência da República. E digo todo dia que o Brasil não pode mais jogar nenhuma oportunidade fora, o Brasil não pode se dar ao luxo de perder mais um século, como perdemos tantas oportunidades no século XX. Todo mundo sabe que a economia brasileira está caminhando rapidamente para ficar uma economia



sólida, uma economia arrumada que possa nos dar a certeza de que teremos um crescimento sustentável que seja duradouro e que possamos crescer 15, 20 anos mais seguidos, para que recuperemos os erros que cometemos tempos atrás.

Senhores ministros e empresários,

Pela primeira vez na história do Brasil nós temos saldo de conta corrente com crescimento econômico. Quem sabe, aqui no Japão vocês possam estranhar, mas a verdade é que toda vez que nós tivemos saldo de conta corrente no Brasil o país entrava em recessão, porque sempre tinha uma opção: se exportarmos muito, não podemos crescer no mercado interno; e se crescermos no mercado interno, não podemos exportar muito. Nós estamos garantindo que é possível o Brasil exportar, ter saldo de conta corrente e é possível crescer no mercado interno como estamos crescendo.

É por isso que o nosso produto interno cresceu 5.2 % no ano passado, é por isso que trabalhamos para repetir a dose este ano e é por isso que vamos trabalhar para repetir a dose nos anos seguintes, para que a gente possa responder ao anseio da sociedade brasileira, aos anseios dos nossos empresários e dos nossos parceiros. Mais importante é que passamos quase seis anos tendo déficit na nossa balança comercial...

(trecho inaudível)

... política, força de vontade, compromisso com o futuro do nosso país.

Quando o ministro Furlan me telefonou dizendo que nós tínhamos ultrapassado os 100 bilhões de dólares de exportação, para mim foi uma alegria extraordinária porque era um feito que muita gente no nosso país não acreditava que fosse possível porque, lamentavelmente, no meu país tem muita gente que, embora tendo cargos importantes, pensa pequeno, não pensa grande e não dá a dimensão de grandeza para o que o Brasil representa no



mundo de hoje. Hoje já estamos a 105 bilhões de dólares de exportação, o que é um feito extraordinário para o nosso país.

Mais importante ainda é que a nossa indústria teve, nesses dois anos, o maior crescimento dos últimos 18 anos, e o mais importante é que em dois anos geramos mais empregos do que foi gerado nos últimos 13 anos. Nesses últimos 12 meses nós geramos, em média, 127 mil empregos por mês, contra uma média de 8 mil empregos por mês num passado não muito distante.

Quando falamos isso aqui, Ministro, falamos para dizer aos empresários japoneses e para dizer aos empresários brasileiros que o Brasil não tem volta, que o Brasil vai ter que aproveitar todos os momentos positivos que puder ter para que no século XXI o Brasil se transforme, definitivamente, numa grande economia capaz de competir em igualdade de condições com as maiores economias do mundo.

Já podíamos ter chegado lá, mas não chegamos porque, muitas vezes, no nosso país as pessoas não conseguem pensar para 20 anos, não conseguem pensar para 30 anos, muitas vezes as pessoas conseguem pensar apenas de eleição em eleição. Eu disse hoje pela manhã: não é possível e não é justo que um homem, por mais importante que ele seja, possa colocar os seus interesses pessoais acima dos interesses de uma nação, que ele esteja mais preocupado com o seu futuro do que com o futuro do seu povo e com o futuro da sua nação. É por isso que nós não brincamos em se tratando de política econômica, é por isso que nós temos consciência de que a única possibilidade de o Brasil crescer é darmos demonstrações de que iremos tomar conta das contas públicas como se tomássemos conta do salário que levamos para casa quando recebemos no fim do mês.

Não tomaremos nenhuma atitude que possa significar tornar a economia brasileira vulnerável e nem tampouco medida populista que muitas vezes serve para eleger um candidato, mas afunda o Brasil em anos e anos de recessão como a experiência política (inaudível). Eu digo todo santo dia, ninguém



respeita quem não se respeita e se nós quisermos conquistar respeito dentro e fora do país, com novos investidores e com os investidores externos, nós temos que dizer, em alto e em bom som, que não haverá surpresa na economia, que não haverá aqueles anúncios mirabolantes em que as pessoas pensam que conquistaram o céu e, meses depois, estão quebradas porque o plano econômico não deu certo, como já aconteceu com outros governos na história do nosso país.

Nós estamos dizendo aos empresários brasileiros e aos empresários japoneses que a nossa economia tem rumo e que nós sabemos o destino que queremos traçar para o nosso país. E que o crescimento econômico que nós queremos, a geração de emprego que nós queremos, o aumento da nossa balança comercial que nós queremos, o aumento da nossa relação comercial, a geração de empregos e a distribuição de renda que tanto precisamos só será possível se, antes de tudo, o governo agir com seriedade, se o governo não brincar de fazer política econômica e não gastar mais do que pode gastar, ou gastar mais do que pode arrecadar.

Esse país só pode ser construído se nós tivermos competência e convencer, não apenas os empresários brasileiros, mas os empresários de outros países de que o que nós falamos não são meras palavras, está consubstanciado nos atos cotidianos da nossa política. E ninguém melhor do que os empresários brasileiros para saírem ao mundo falando das coisas que acontecem no nosso país.

Quero terminar dizendo ao ministro Nakagawa que o Japão e o Brasil podem, no começo do século XXI, dar uma resposta ao mundo de uma parceria estratégica, uma parceria onde poderemos elaborar juntos grandes projetos de investimentos, grandes projetos de produção de coisas do interesse do Japão e do Brasil e, ao mesmo tempo, grandes projetos para que a gente possa consolidar uma amizade que começou 100 anos atrás e que poderá perdurar por mais outros 100 anos, se nós tivermos a competência de fazer a



coisa certa que temos que fazer.

A minha vinda ao Japão, em agradecimento à ida do primeiro-ministro Koizumi ao Brasil, é o coroamento de uma relação (inaudível) que deve ser comercial, que deve ser política e que deve ser cultural. Mas, sobretudo, deve ser a relação e o coroamento de dois blocos, que por mais diferentes que pareçam ser, tem nos seus antepassados uma lição de vida, de pessoas que sofreram para ajudar a construir o Brasil, de brasileiros que sofrem para vir ao Japão e ajudar na produção do Japão, esse povo humilde, que um dia atravessou o Pacífico, que um dia atravessou, eu diria, o Atlântico, essas pessoas que nos ensinaram essa lição de vida.

(Falta trecho final)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com representantes da comunidade brasileira

Nagóia-Japão, 28 de maio de 2005

Primeiro, dizer a todos vocês da alegria de estar aqui em Nagóia e poder passar alguns minutos junto com tantos brasileiros e brasileiras que estão aqui batalhando para construir uma vida melhor.

Segundo, dizer para vocês que nós estamos com uma delegação grande. Nós viemos, do Brasil, para esta viagem – dois dias e meio na Coréia e dois dias e meio no Japão – com vários ministros. Alguns já foram para outros países: o ministro Celso Amorim foi para Israel; o ministro Furlan ia para a França e para o Canadá; o ministro Roberto Rodrigues, da Agricultura, ficou aqui no Japão para tratar de acordos. Mas nós estamos aqui com o ministro Palocci, nosso ministro da Fazenda; estamos aqui com a ministra Dilma... Levanta, Palocci. Estamos aqui com a nossa ministra Dilma Rousseff, que é a ministra de Minas e Energia; estamos aqui com o nosso ministro Walfrido dos Mares Guia, que é ministro do Turismo; estamos aqui com o governador do Rio Grande do Sul, que é o governador Germano Rigotto; estamos aqui com o governador do estado do Ceará, Lúcio Alcântara; bem, estamos aqui com o deputado Takayama, do Paraná – levantem-se os deputados –; o embaixador do Japão no Brasil e o embaixador do Brasil no Japão.

Bem, nós, com esta visita que fizemos ao Japão, demos um passo muito importante para que as relações Brasil-Japão sejam alavancadas e a gente possa construir uma relação infinitamente mais forte com o Japão.

Essa relação a ser construída, mais forte do que hoje, ela passa por uma grande relação política, cultural e comercial, e ela passa por discutir com o governo japonês e discutir com o primeiro-ministro, discutir com a Câmara Japão-Brasil, discutir com a Câmara de Deputados, com os brasileiros que



estão aqui e os deputados japoneses, para que a gente consiga fazer com que o povo brasileiro que está aqui tenha o mesmo tratamento que os japoneses têm no Brasil, e já estão lá há muito e muito tempo.

Lógico que esse é um processo que demanda acordos políticos. O Ministério da Educação vai ter que vir muitas vezes ao Japão, o Ministro da Educação do Japão vai ter que ir muitas vezes ao Brasil, passa pelo fato de o Ministro da Saúde do Brasil vir aqui e o Ministro da Saúde do Japão ir ao Brasil, os técnicos visitarem, conhecerem a realidade, para que a gente vá construindo a possibilidade de os brasileiros que estão no Japão terem cidadania total como tem os japoneses que estão no Brasil. Esse é um desejo, esse é um compromisso do governo, de trabalhar – o governo do Brasil e o governo do Japão – para que a gente possa atingir essa plenitude de tratamento entre os dois povos.

Vocês sabem que, em 2008, completa 100 anos da imigração japonesa para o Brasil. Aliás, está aqui a nossa querida Tizuka Yamasaki, que acaba de lançar o Gaijin II. É a saga do povo japonês no começo do século passado, mas também termina com a saga do povo brasileiro, já aqui no Japão. É um filme belíssimo, deve estar nos cinemas aqui de Nagóia. Quem quiser ir assistir, vá, leve um lenço porque certamente vai chorar no cinema. Mas compensa ir ver.

Eu queria só dizer para vocês o seguinte: nós tivemos reuniões com as comissões que o nosso Consulado, que o nosso cônsul nos apresentou; nós temos uma demanda dos problemas que vocês estão passando aqui. Essa demanda, eu vou levar para o Brasil e os ministros de cada área, junto com o Embaixador do Japão no Brasil, o Embaixador brasileiro no Japão, o nosso cônsul, e com os ministros do Japão, nós vamos tratar de encaminhar soluções para todos esses problemas que hoje ainda perturbam a vida do povo brasileiro, sobretudo na questão da educação e na questão da saúde.

A questão da saúde não é um problema do Japão, é um problema do mundo. Dificilmente um país aceita que médico de outro país faça atendimento naquele país. No Brasil, hoje, nós temos problemas com os jovens que se



formaram em Cuba: voltaram para o Brasil e não podem exercer a profissão de médico. Nós temos problemas de médicos italianos que vão para o Brasil para trabalhar de graça e não podem exercer a profissão. Então, esse é um problema delicado, que passa por um profundo acordo entre os governos mas, sobretudo, entre as entidades que representam os médicos no Japão e no Brasil. O ideal é que a gente possa criar condições de ter médicos brasileiros aqui, atendendo à comunidade brasileira em todo o Japão, esse é o ideal. Vamos ver que tipo de convênio podemos fazer, porque o primeiro-ministro Koizume demonstrou total boa vontade. Quem participou da reunião ficou encantado com a disposição do Primeiro-Ministro japonês de levar a fundo esse entrosamento entre o Brasil e o Japão de forma mais forte, de forma mais positiva e de forma mais produtiva.

Vocês receberam aqui em Nagóia, um mês atrás, o Presidente do Sebrae que, num acordo com o Banco Interamericano, vão investir 3 milhões de dólares num programa para dar formação de empreendedorismo aos brasileiros que estão aqui no Japão, para tentar dar a eles um mínimo de iniciação de empreendedor para que eles possam cuidar melhor das coisas que estão fazendo aqui ou para que eles possam se preparar melhor, quando quiserem voltar ao Brasil. Isso, o Consulado já está informado, o projeto já está pronto e nós vamos começar a preparar os brasileiros para que eles possam estar melhor preparados para o retorno à sua terra natal ou para, até, continuar trabalhando aqui no Japão.

Por último, dizer para vocês que o meu desejo mesmo é que um dia todos vocês possam regressar ao Brasil com possibilidade de ter emprego, com possibilidade de levar a vida de vocês com a dignidade que todos nós precisamos levar. Eu sei que a maioria que sai do Brasil, sai para trabalhar, sai em busca de oportunidades, sai na tentativa de construir, fora do Brasil, aquilo que não pôde construir no Brasil. Sei das dificuldades dos nossos adolescentes que estão aqui, que não terminaram o ensino... o segundo grau no Brasil, que não falam japonês e que têm dificuldade de entrar numa escola particular porque não podem pagar. Nós vamos ter que encontrar uma solução porque



não nos interessa que nenhum jovem brasileiro fique fora da escola porque não tem condições de pagar essa escola.

Nós vamos tentar encontrar um jeito de fazer um convênio com o governo do Japão para ver o que cada país pode fazer para dar um atendimento a esses adolescentes, e também cuidar para que as nossas crianças, que estão aqui, tenham a melhor formação possível. Mesmo aquelas que não podem estudar nas escolas particulares, nós vamos ter que cuidar para que aquelas crianças tenham qualidade de educação, e eu acho que isso nós vamos avançar a partir desta visita que fizemos ao Japão.

Quero dizer a vocês que regresso ao Brasil convencido de que a relação do Brasil com o Japão e do Japão com o Brasil vai melhorar substancialmente, vai melhorar do ponto de vista do comércio – acho que o Brasil vai comprar mais e vai vender mais –, vai melhorar do ponto de vista do turismo. Eu acho que os japoneses... vocês vejam aqui os japoneses cantando música nordestina, os japoneses cantando “Luar do Sertão”. Ora, se com tanta facilidade eles aprenderam a cantar essas duas músicas que são dois símbolos brasileiros, muito mais fácil será para eles quando estiverem no Brasil, na rota do turismo para o Japão, para que possam conhecer as belezas que o Brasil pode oferecer aos turistas japoneses.

Um povo japonês que aprende capoeira e que aprende a cantar com a facilidade que já cantaram aqui, tem muito a ver na sua relação com o povo brasileiro. O que fica demonstrado, com este show aqui, é que quando há disposição e vontade, não tem idioma, não tem cultura que não permita que a gente não aprenda as coisas do país em que a gente está vivendo.

O Japão não é um país estranho, o Japão está dentro do Brasil há 100 anos, a nossa relação já existe há 100 anos, e eu acho que a partir de agora ela vai melhorar substancialmente para o benefício dos brasileiros aqui e para o benefício dos japoneses lá no Brasil.

Quero me despedir de vocês dizendo, do fundo do coração, que volto para o Brasil alegre porque eu não poderia vir a Tóquio e de Tóquio, ir embora sem passar em Nagóia para apertar a mão, se não de todo mundo, mas de um



conjunto muito grande de pessoas aqui. E é importante que eu esteja com deputados, com ministros, com governadores, para que eles percebam que vocês, mesmo aqueles que estão fazendo mais sacrifício, são vencedores: vieram para cá, não abaixaram a cabeça, levantaram a cabeça e estão trabalhando como sempre trabalharam no Brasil, e se Deus quiser, daqui construirão a possibilidade de ter um retorno que lhes permita uma vida muito melhor.

Eu quero, do fundo do coração, dar um beijo em cada criança, em cada mulher, em cada homem, e dizer que se eu pudesse transmitir daqui, eu transmitiria um abraço e um beijo para os familiares de vocês que estão no Brasil.

Muito obrigado, que Deus abençoe vocês, boa sorte, e nós vamos fazer a nossa parte.